



# Convergência

524

Setembro • 2019 • ANO LIV

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil - CRB  
ISSN 0010 - 8162



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad  
Editor: Irmão Lauro Daros, fms  
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj  
Irmã Helena Teresinha Rech, sst  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Jaldemir Vitória, sj  
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes  
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida  
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms  
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo  
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540  
E-mail: [crb@cbnacional.org.br](mailto:crb@cbnacional.org.br)  
[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73





## Sumário

### Editorial

VRC, COMUNIDADE DE AMOR 5

### Mensagem do papa

A FORÇA DA VOCAÇÃO 8

### Mártires/Santos

IRMÃ AMÁLIA DE JESUS FLAGELADO 25

### Informes

UNIÃO INTERNACIONAL DAS SUPERIORAS GERAIS (UISG) 29  
*Liliane Alves Pereira e Sandra Maria da Guia Ribeiro*

CURSO: ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES 34  
*Bárbara Pimpão e Paulo Quermes*

### Artigos

DEUS NOS AMOU PRIMEIRO 36  
*Frei Carlos Mesters e Francisco Orofino*

INSPIRAÇÕES DA PRIMEIRA CARTA DE JOÃO À VRC 46  
*Irmã Lúcia Weiler*

MATURIDADE HUMANA E DE FÉ: UM CAMINHO DE APRENDIZAGEM 57  
*Frei Oton da Silva Araújo Júnior*

AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL 67  
*Equipe Itinerante da REPAM*

VOCAÇÃO E DISCERNIMENTO 74  
*Padre Geraldo Tadeu Furtado*







## VRC, COMUNIDADE DE AMOR

IR. LAURO DAROS, MARISTA

A força da vocação. Este é o título do livro que traz uma entrevista concedida pelo Papa Francisco ao Padre Fernando Prado, Claretiano, sobre o tema da Vida Consagrada (VC) nos dias de hoje. A obra, publicada originalmente na Espanha, no segundo semestre de 2018, já se encontra traduzida em várias línguas. Pela lucidez e pertinência das reflexões do Papa, vale a pena fixar-nos em suas intuições a respeito do passado, do presente e do futuro da VC.

A seção Mártires/Santa apresenta Irmã Amália de Jesus Flagelado e as origens da Coroa de Nossa Senhora das Lágrimas. No Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, fundado, no Brasil, por Monsenhor Dom Francisco de Campos Barreto, Bispo de Campinas, viveu uma piedosa religiosa de nome Irmã Amália de Jesus Flagelado (pelo batismo, Amália Aguirre). Tal como uma outra alma privilegiada, Teresa Neumann, mística da Alemanha, ela teve no seu próprio corpo os Estigmas de Jesus.

Irmã Liliana Alves Pereira e Irmã Sandra Maria de Guia Pereira publicam Informe sobre a União Internacional das Superiores Gerais (UISG). Escrevem, para iniciar o texto: “A vida humana é marcada por encontros, encontros capazes de promover verdadeiro Pentecostes na vida daqueles que deles participam. Foi assim a experiência do encontro vivenciado por 180 religiosas de todos os continentes, sendo 19 delas brasileiras, que estiveram em Roma, na sede da União dos Superiores Gerais (UISG), nos dias 21 de janeiro a 1 de fevereiro de 2019, no seminário Intercultural, com o tema Integrando nossa Diversidade pela Interculturalidade”.





Bárbara Pimpão e Paulo Quermes informam sobre o Curso: Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Parceria da Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália) e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR (Curitiba, PR). “O objetivo do curso, com 07 módulos programáticos, é a formação interdisciplinar de leigos/as e religiosos/as para a promoção de espaços mais seguros para crianças e adolescentes, mediação adequada e capacitação para a promoção, proteção e defesa dos direitos humanos com enfoque no enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. Sumariamente os módulos contemplados no curso são: 1. Cultura e Infância; 2. Termos e Definições; 3. Fatores de Risco e Proteção de Abuso Sexual; 4. Sinais e indicadores de abuso Sexual; 5. Entendendo os agressores; 6. Abuso nas famílias; 7. Mídia e pornografia”.

Neste ano de 2019, o mês da Bíblia tem como tema: O Amor em defesa da vida, e como Lema: Nós amamos, porque Deus nos amou primeiro (1Jo 4,19). Dois artigos, de Frei Carlos Mesters e Irmã Lúcia Weiler, aprofundam e ampliam a reflexão sobre o Tema e o Lema.

Explica Frei Mesters que “o tema foi escolhido a partir da proposta pastoral do Documento de Aparecida para os anos 2012 a 2019: “Ser Discípulos Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”. Nos anos de 2012 a 2015, aprofundamos a primeira parte desta proposta: Ser Discípulos Missionários de Jesus Cristo. Agora, nos anos de 2016 a 2019, estamos aprofundando a segunda parte: para que nele nossos povos tenham vida. O tema central é a defesa da vida. Para cada ano foi escolhido um determinado livro para o Mês da Bíblia. Eis o esquema:

- 2016: a profecia em defesa da vida (livro do profeta Miqueias).
- 2017: a comunidade em defesa da vida (1ª carta aos Tessalonicenses).
- 2018: a sabedoria em defesa da vida (livro da Sabedoria).
- 2019: o amor em defesa da vida (1ª carta de João).

Irmã Lúcia Weiler, inspirada em São João, diz que a VRC é chamada a ser comunidade de Amor. A autora apresenta um itinerário de reflexão articulado em torno de três experiências fortes de Deus, testemunhadas pela comunidade: “Deus é Luz”! “Deus é Justo”! “Deus é Amor”! “O objetivo é oferecer elementos para a tão necessária revitalização das comunidades, à luz da Palavra de Deus, para que, como espaço de partilha espiritual, se tornem sempre mais reflexo vivo da fonte e dinâmica do amor de Deus Trindade e sinal luminoso de seu Reino no mundo”.





Frei Oton da Silva, no artigo “Maturidade humana e de fé: um caminho de aprendizagem”, reflete sobre características de uma pessoa madura, empecilhos para amadurecer na fé e como ajudar pessoas em seu processo de amadurecimento humano e de fé. O autor ensina que amadurecer não tem a ver com a idade, simplesmente. Convivemos cotidianamente com pessoas de poucos anos que se mostram mais amadurecidas que outras mais velhas. Como percebemos isso? Pela maneira com que lidam com as situações da vida: na alegria sem euforia, na tristeza sem desespero, na amizade sem dependência, enfim”. Ensina ainda o autor que um dos critérios de amadurecimento é a autorresponsabilidade: “Um sinal valioso para relacionar a maturidade é a capacidade de encontrar soluções em vez de culpados pelo que acontece. Assumir a responsabilidade de estar errado envolve reflexão e análise dos fatos e, por esse motivo, às vezes é mais fácil procurar motivações externas para nossos erros”.

A Equipe Itinerante da REPAM, em vista do Sínodo sobre a Amazônia, em outubro de 2019, publica o texto “Amazônia: Novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral”. “É um acontecimento histórico sem precedentes de suma importância para a Missão da Igreja na Amazônia e no Mundo. “Sínodo quer dizer caminhar juntos, avançar em comunidade e na mesma direção para dar resposta a uma realidade muito importante para a Igreja” (Documento preparatório do Sínodo). Esse “caminhar juntos e em comunidade” na Amazônia – rede fluvial maior do mundo – poderíamos traduzir por “remar juntos” para “pescar em mutirão”.

Neste mês, de 5 a 8 de setembro de 2019, acontece em Aparecida o 4º Congresso Vocacional do Brasil. Pe. Geraldo Tadeu Furtado oferece o texto-subsídio “Mostra-me, Senhor, os teus caminhos”! Vocação e Discernimento. O autor informa sobre a estrutura do texto: “A ideia é dividir a reflexão em três momentos distintos: A primeira parte do caminho: “Ver” a caminhada da Pastoral Vocacional (Lc 24, 13 -24); A segunda parte do caminho: “Julgar” a realidade a partir da iluminação bíblica e teológica (Lc 24, 25-32); A terceira parte do caminho: “Agir”, as indicações para o caminho (Lc 24, 33-35).



## A FORÇA DA VOCAÇÃO

PAPA FRANCISCO

Este é o título do livro que traz uma entrevista concedida pelo Papa Francisco ao Padre Fernando Prado, Claretiano, sobre o tema da Vida Consagrada (VC) nos dias de hoje. A obra, publicada originalmente na Espanha<sup>1</sup>, no segundo semestre de 2018, já se encontra traduzida em várias línguas. Pela lucidez e pertinência das reflexões do Papa, vale a pena fixar-nos em suas intuições a respeito do passado, do presente e do futuro da VC. A seguir, agruparemos alguns trechos sobre temas relevantes, deixando de lado, por questões de espaço, os interessantes exemplos com que o Santo Padre ilustra e enriquece suas respostas<sup>2</sup>.

### Perfil da pessoa consagrada

“Admiro pessoas consagradas despreziosas, que não fazem barulho, mas trabalham sem importar-se consigo. As que fazem a teologia da VC vivendo-a e rezando-a. Pessoas que têm uma humildade essencial: são trabalhadoras e levam bem a sério sua vida de consagração (...). Esse tipo de pessoas me situa, de fato, no que é a VC real. Não há dúvida de que isso seja algo que não se entende simplesmente a partir de critérios humanos” (pp. 21-22.23).

<sup>1</sup> *La fuerza de la vocación: la Vida Consagrada hoy. Una conversación con Fernando Prado.* Madrid: Publicaciones Claretianas, 2018, 116 p.

<sup>2</sup> Seleção, classificação e tradução dos textos: Pe. Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira, CM.





## A recepção do Vaticano II na VC

“Eu a descreveria em três palavras: lenta, fecunda e desordenada. Certamente, com o Concílio, de alguma maneira, abriram-se as portas. Estávamos, então, muito atrasados, descompassados com os sinais dos tempos. Era necessário maior diálogo com o mundo e havia que abrir a porta a muitas coisas. Ao abrir as portas e começar este diálogo, houve de tudo por parte das congregações religiosas. Muitas enfocaram bem a questão e se animaram a levar em frente os assuntos da renovação; outras, logicamente, perderam o foco; e outras, por puro medo, não se abriram e ficaram para trás. Neste diálogo, por outro lado, as diferentes congregações não tinham o mesmo ritmo. Houve muitos exageros na hora de abordar as necessárias mudanças. Havia que mudar, mas algumas congregações assumiram as mudanças talvez sem avaliar bem as coisas, de forma que sucedia um pouco disso que dizem os anglo-saxônicos: ‘jogar fora o bebê com a água do banho’ (...). Entretanto, acredito honestamente que isso se foi corrigindo (...). Todas essas desordens que se davam são humanas. Apareciam muitas coisas escondidas e era lógico e normal que uma renovação assim trouxesse problemas, seja por excesso ou por defeito, tanto ao perder o foco quanto ao deter-se” (pp. 27-29).

## O risco das ideologias

“O que realmente me preocupa, ontem e hoje, é quando esses processos de mudança vêm capitaneados por ideologias (...). Um dos inimigos mais sérios que teve e ainda pode ter a VC é a ideologia, seja de que tipo for. A VC não pode ser reduzida a uma ideologia (...). No pós-concílio, houve outras questões. Houve sombras e luzes. Como digo, creio que é sempre necessário evitar a ideologia. Se temos que interpretar a VC, temos de fazê-lo sempre a partir das categorias que lhe são próprias. Temos de interpretar a VC a partir de categorias de VC, não com categorias emprestadas (...). Acredito que, onde houve algo de falta de foco, sempre foi porque houve uma forte ideologia. Faltou ali o equilíbrio. E, na VC, trata-se de viver um equilíbrio que se vai alcançando quando se caminha buscando critérios evangélicos e de diálogo com os sinais dos tempos. Quando se vai procurando como viver no momento atual a situação de consagração (...). A renovação andou lenta, às vezes desordenada, mas, definitivamente, superadas muitas daquelas coisas, a VC teve um processo fecundo” (pp. 29-30.31.33).



“A única maneira de disciplinar a Igreja é com o Evangelho (...). Na VC, como também acontece em outras realidades da Igreja, sempre há conflitos e questões em relação às quais é preciso avançar e melhorar. Os conflitos são parte intrínseca da realidade. Não há por que negá-los. Ao contrário, caminhemos para superá-los. Isso é o importante: caminhar, caminhar sempre para frente” (p. 34).

### As relações mútuas

“Superada certa concepção funcionalista que muitos pastores tinham sobre a VC, hoje as mútuas relações devem ser entendidas em um marco eclesial mais amplo de mútuo serviço e reconhecimento. Este não é simplesmente um assunto entre religiosos e hierarquia. Hoje, as relações mútuas devem ser compreendidas dentro de todo o povo de Deus, pois afetam a todos os batizados. O Espírito Santo quer e cria, ao mesmo tempo, pluralidade e harmonia. É o princípio de unidade e a origem da diversidade carismática. Temos de aprender a relacionar-nos melhor dentro da Igreja e ser assim um testemunho eficaz de comunhão” (p. 35).

### A tentação do funcionalismo

“O funcionalismo é uma tentação da vida apostólica, da vida de serviço. É uma das maiores tentações. É a perversão de converter-se em grandes empresários do apostolado e não em homens e mulheres a serviço da Igreja e dos outros (...). A razão de ser da VC está mais além do que ela faz. Projeta-se no que se faz, mas, na verdade, é mais importante o que é em si mesma do que aquilo que faz” (p. 36).

### A internacionalidade

“O processo de internacionalização da VC é emblemático. Não é algo novo, mas, cada vez mais, vai se visibilizando um rosto novo da VC na Igreja (...). E é claro que a procedência de superiores e superioresas gerais de continentes não europeus ou ocidentais é uma realidade cada vez maior. Isso é uma boa notícia que vivemos com alegria. A Igreja está visibilizando, sempre mais, esta mudança de rosto, fruto de sua história e da maravilha da evangelização” (pp. 39-40).



## Ir às raízes para produzir frutos

“O carisma fundacional dos Institutos requer um esforço de purificação. Ao dizer purificação, refiro-me a que temos de resgatar o mais autêntico dos carismas fundacionais para ver como este mais autêntico se dá hoje ou como deveria se dar. Trata-se de olhar o passado não só com gratidão, o que evidentemente é necessário. Como não dar graças a Deus por tanto bem que ele nos deu em nossos fundadores! Temos de olhar o passado com gratidão, não como se olhássemos uma peça de museu, mas com o olhar de quem quer encontrar aí a raiz inspiradora. É importante para o presente e para o futuro (...). Por favor, não façamos de nossos fundadores peças de museu. São nossas raízes não para que as continuemos sem ordem, mas para que nasça fruto. Ir aos inícios da VC em nossos Institutos é ir a essas raízes para beber aí, como em uma fonte, e poder responder adequadamente, hoje. É no hoje e no presente que precisamos dar respostas a partir de nosso carisma. É um desafio que nos pede paixão. Do contrário, tudo isso não funciona. A memória dos primeiros tempos da VC e dos inícios de nossos Institutos é uma memória fecunda. Isso é algo que também aprendemos do Concílio: a importância de voltar às origens para viver o presente e construir o futuro” (pp. 42–43).

## Paixão por Jesus Cristo

“A presença de Jesus é tudo. Aí está a força da vocação consagrada. Uma VC onde Jesus não está presente com sua palavra no Evangelho, com sua inspiração, não funciona. Sem a paixão enamorada por Jesus, não há futuro possível para a VC. Esta paixão é a que nos lança à profecia. Quando falamos de dimensão profética da VC, não falamos de adivinhar o futuro. Para isso, existem os horóscopos e outros desatinos. Trata-se de sair de si mesmo, apaixonados por Jesus enamorado, com o coração abrasado. Com nossa vida, indicamos o caminho a outros, ajudamos-los, acompanhamo-los, sempre caminhando. Sem permitir que a água deixe de correr. Como disse outras vezes a respeito da Igreja, digo também que a VC é como água: parada, apodrece” (pp. 44–45).

## Discernimento e maturidade

“Hoje em dia, uma pessoa consagrada que não desenvolve o dom do discernimento, ainda que seja em um nível elementar, é uma pessoa



com uma grande carência. Falta-lhe algo fundamental que não lhe permite ser madura. E uma pessoa consagrada não pode ser como uma criança de mamadeira. O dom do discernimento é o que dá a uma pessoa consagrada a maturidade necessária. Hoje, isso é fundamental na VC: tornar-se adulto” (p. 52).

“Acredito que a obediência de uma pessoa consagrada madura, ou, melhor dito, em processo de maturação, é a que a leva a buscar, com seus superiores e comunidade, as decisões necessárias. Hoje, até o eremita mais eremita – entenda-se bem – não pode caminhar só pela vida. Na VC, não se pode caminhar só. Precisamos de alguém que nos acompanhe. As pessoas consagradas que vivem em comunidade têm a comunidade, os superiores, os Capítulos, que lhes vão acompanhando e fazendo chegar. Trata-se de ir buscando os caminhos e a solidez, ou melhor, a adulez da consagração. Uma pessoa consagrada não pode ser como uma criança. Tem que ser adulta. E, nisso, o discernimento é a chave” (pp. 52-53).

## Revisão de obras

“É certo que, muitas vezes, vemo-nos com estruturas pesadas e grandes: grandes colégios, universidades, hospitais, projetos de muitos tipos e com poucas forças, com poucos religiosos. Pois, então, teremos que discernir. Teremos que distinguir entre obras e trabalhos. Nem todos os trabalhos são obras. Algumas vezes, certamente, as obras nos esmagaram. Mas há que discernir. Não se trata também de atirar tudo pela janela. Alguns dizem: ‘Fechemos os colégios’. Não, espere um pouco, introduzamos aí o discernimento e vejamos como podemos fazer com que os colégios respondam aos desafios sociais e eclesiais de hoje. A educação é importante. Veja bem como podes levar em frente... E assim com outras obras (...). Contudo, quando se dá demasiada importância às obras, então fica muito escondida a força do carisma (...). Pode ser que sejamos poucos e fracos, mas, por favor, não façamos de nossos Institutos um exército fechado. Não nos refugie-mos em uma obra para iludir a capacidade operativa do carisma. As obras servem na medida em que as conduzimos adequadamente” (pp. 54.56).

“Muitas congregações formaram leigos a partir de sua espiritualidade com bom critério e acerto. Aos leigos bem formados e que tinham realmente sua espiritualidade, puseram à frente das responsabilidades, de forma que, quando tinham que deixar uma obra, então a obra continuava com força. Se é necessário deixar uma obra, que se deixe. Mas que seja sempre em boas mãos” (p. 57).





## Animação vocacional e formação inicial

“A força de atração da VC depende de sua ‘exposição profética’, ou seja, da força de chegar ao coração de uma pessoa jovem que queira seguir o Senhor por este caminho. E a força da vocação se traduz sempre em alegria. Se não há força neste modo de viver o carisma fundacional, ele não vai convocar a ninguém ou, no máximo, poderá convocar gente desajustada ou doente, que é outro dos problemas graves na hora de afrontar a entrada na VC, pois há quem busca a VC como refúgio. Quando a VC tem força naqueles que a vivem, chega-se ao coração dos jovens e estes despertam, leem a mensagem e se dispõem” (pp. 59-60).

“Não é fácil acompanhar as vocações e discernir. É um grande desafio para os formadores. Sempre existiram jovens que buscam o amparo da instituição. O mesmo também ocorre nos seminários diocesanos. Há algumas congregações religiosas, masculinas e femininas, que ainda não se deram conta da necessidade que existe hoje de fazer um exame minucioso das vocações que se apresentam e de empreender uma boa seleção dos vocacionados que lhes vêm. Quando se admite jovens sem uma vocação sincera, sem uma paixão clara por seguir Jesus e viver como ele, que buscam refúgio em uma instituição assim, se está hipotecando o próprio instituto ou o futuro do ministério sacerdotal. Não se pode admitir pessoas que não estejam aptas ou pessoas com problemas bastante sérios que querem encontrar amparo para os mesmos na VC. Pode haver jovens que buscam a isso ou uma mera realização de si mesmos, talvez inconscientemente... Por isso, é preciso caminhar com cuidado. Na verdade, nenhum de nós (talvez os santos, sim) entrou na VC com cem por cento de pureza de intenção. Isso é certo. Todos tivemos sempre algum motivo não tão puro para entrar, inconsciente talvez. Contudo, a pureza de intenção básica ou essencial existia, sim. E, depois, foi sendo limada, trabalhada e purificada, fazendo-se forte na medida em que ia progredindo. Mas entrar já de primeira procurando um refúgio na VC, isso não pode ser. É preciso caminhar com os olhos bem abertos para que não sucedam coisas das quais depois possamos arrepender-nos” (pp. 60-61).

## Vocações

“Quando as vocações não vêm, temos de perguntar ao Senhor: O que se passa? Perguntemos aos superiores; perguntemo-nos em comunidade, entre nós; perguntem ao bispo, à Congregação. Temos que procurar que nos iluminem o momento e, tendo perguntado, analisado, discernido



bem, decidir. Mas as soluções de contratos de segurança nunca são férteis. Nunca. A única coisa que essas soluções fazem é prolongar o fim, ainda que nos assegurem um ‘cinco estrelas’ para os últimos dias” (p. 68).

## Testemunho

“Vivam a alegria da consagração. Que suas vidas sejam um testemunho alegre da consagração. Os jovens veem isso e se lançam. É a força da vocação que veem. Mas se veem gente aborrecida, gente que não sabe resolver seus conflitos, não vão, não se dispõem. Definitivamente, o testemunho de uma consagração alegre é o importante. Não precisa de mais nada. Essa é a melhor propaganda” (p. 69).

## O risco do triunfalismo

“Desconfio dessas manifestações de fecundidade ‘in vitro’, ou dessas manifestações ou mensagens triunfalistas que dizem que a salvação está aqui ou ali. Algumas congregações se mostraram como a salvação da VC, tanto da VC apostólica quanto da contemplativa. Era preciso olhar para elas. Eram o novo modelo. Inclusive convenceram a muitos pastores para que as favorecessem. Alguns procuraram até uma maneira de apoiá-las economicamente. Alguns pastores, conheci vários, ficavam impressionados com sua capacidade de convocação, pela piedade exemplar que aparentemente viviam. Eram a nova VC, a que ia ser a solução e o modelo para as antigas e envelhecidas ordens e congregações... E resulta que, depois, dentro de algumas delas, explodiram impressionantes assuntos de corrupção. Faz-nos bem saber que não somos o Messias. Esse tipo de ‘salvadores’, certamente, levam à desconfiança. Essa não é a fecundidade do Evangelho. Quando há triunfalismo, Jesus não está presente. Ou, se há um triunfalismo no qual Jesus está, é quando esse triunfalismo é o passo prévio à Sexta-feira Santa. O único triunfalismo real que cabe é o do Domingo de Ramos. Aí, sim, está o Senhor. Esse triunfalismo está dizendo: ‘Prepara-te para o que vem...’. Não há soluções mágicas. Este é meu critério: o triunfalismo nunca é de Jesus. O triunfo de Jesus, o verdadeiro, é sempre na Cruz” (pp. 70-71).

## Novas formas de VC

“Penso que essas novas formas de VC precisam continuar aprofundando e esclarecendo sua identidade. É necessário que se clarifique mais a novidade





que trazem. Eu diria que há que procurá-la, mas com discernimento. É necessário que essas formas sejam acompanhadas, que tenham pessoas a seu lado que as acompanhem e as ajudem a esclarecer, a discernir, pois poderiam viver também de certa ilusão. O certo é que se trata de uma realidade ainda muito recente, que requer tempo de amadurecimento e reflexão. Algumas destas novas congregações são um tanto restauracionistas, tendem a restaurar costumes antigos e coisas que teríamos que contrastar mais e estudar com mais discernimento, sempre no marco da Igreja e do tempo em que vivemos. Para mim, o critério básico para julgar uma comunidade são estes três P: pobreza, prece e paciência.

A pobreza é algo fundamental. É vertebral, chave. Quando falta a pobreza, tudo cai. O triunfalismo é também falta de pobreza, a vaidade de estar seguro, mas aqui me refiro à pobreza econômica.

Quanto à prece, à oração, esta tem que ser verdadeira. Se não se reza bem, nada vai em frente. Saber rezar, aprender a rezar é importantíssimo. AVC há de ter uma vida de oração séria. Por certo, também sua oração comum, litúrgica, etc. Rezar bem significa colocar-se diante de Deus, adorá-lo, sentir-se necessitado dele, com humildade, sabendo-se pecador, filho, irmão dos outros, sobretudo dos mais fracos. Escutar a voz de Deus ajudar-nos-á a discernir o que acontece ao nosso redor (...).

A paciência, por sua vez, refere-se a esse aprender a tolerar-se uns aos outros. Isso é o que de verdade pacifica a comunidade. Trata-se de tolerar-se ativamente, ajudar-se de coração. É a paciência de esperar o irmão ao caminhar, como dizia Santo Inácio. A mim, isso me chamou sempre a atenção em Inácio de Loyola. Ele tinha regras práticas, como a regra do peregrino. Quando ia caminhando com outro companheiro, dizia que, se um caminhava muito rápido, a coisa não ia bem. Dizia que se tinha de ir no passo do que caminhava menos rápido, ou seja, que se havia de ter paciência com o limite do outro... Aplicado à vida comunitária e às pessoas consagradas, diria que se trata de aguentar-se e irmanar-se nesse aguentar” (pp. 71-72.73-74).

## Formação

“Um estilo de formação que valorize a pessoa tal como é. Valorizar os candidatos ou formandos, rapazes ou moças, tal e como vêm, para acompanhá-los pouco a pouco, segundo os princípios do carisma. Isso é artesanal. Ir vendo e acompanhando, passo a passo. Transmitemos a





doutrina, escutá-los, sobretudo o que sentem por dentro, ensiná-los a discernir a partir do que trazem e do que são. Ao contrário, o estilo policial, para dizê-lo com essa imagem, refere-se a um estilo que quer controlar a pessoa para que cumpra as regras e o que está mandado. E isso oculta problemas que depois podem aflorar. O crescimento de uma pessoa é sempre artesanal, também nas famílias. Se os padres não acompanham os filhos e os deixam sós, terminam mal, não crescem bem. Os pais devem estar aí, criando um bom ambiente, dizendo um ‘não’ bem dito e a tempo, explicando aos filhos porque lhes dizem um ‘não’ ou um ‘sim’. Aos filhos, se lhes vai seguindo, acompanhando. Hoje, não se pode conceber a formação a não ser a partir do acompanhamento pessoal. Não é nada fácil ser formador hoje, como não o é ser pai ou mãe. Os formadores têm de ser pais espirituais e ter essas habilidades; devem ser homens e mulheres de discernimento, de piedade, de paciência. Certamente, hoje em dia, é complicado ser formador. Muito complicado. Não existem padrões fixos de comportamento. Tens o carisma do Instituto, as noções e a experiência da VC, tens o Evangelho e... que Deus te ajude” (pp. 74-75).

“Uma das consequências de uma má formação que mais me preocupa é o clericalismo. Sem dúvida, é uma das perversões mais graves da VC (...). Há um clericalismo que se manifesta nas pessoas que vivem com atitudes de ‘segregados’, com o nariz levantado. São esses que vivem com um caráter aristocrata em relação aos outros (...). Pode-se ser clerical ainda que seja Irmão consagrado ou uma religiosa (...). Isso leva consigo, em geral, um modo de viver aristocraticamente, que se faz ver nas atitudes, que dão a impressão de que a pessoa está mais além do resto do santo povo fiel de Deus. Quando há clericalismo, ‘aristocraticismo’, ‘elitismo’, aí não está o povo de Deus (...). O clericalismo é o oposto da inserção. O clerical faz parte de uma elite e não se reconhece no povo. Daí podem vir depois muitas consequências, sobretudo quando se maneja mal o poder. O clericalismo é a raiz de muitos problemas, como estamos vendo. Inclusive por trás dos casos de abusos, além de outras imaturidades e neuroses, está o clericalismo. Há que se ter muito cuidado com isso na formação. Há que discernir e ajudar a esclarecer imaturidades e acompanhar no são crescimento” (pp. 76-78).

## Na formação, manejar bem os limites

“Digo que não se deve assustar com os limites, mas acompanhar e, se é possível, trabalhar para superá-los (...). Sempre se deve deixar espaço,





uma porta aberta, sem maltratar os limites (...). Quando há candidatos com neuroses e desequilíbrios fortes, difíceis de canalizar, nem com ajuda terapêutica, não se deve aceitá-los nem ao sacerdócio nem à VC. Deve-se ajudá-los para que se encaminhem para outro lugar, não há que abandoná-los. Há que orientá-los, mas não os devemos admitir. Tenhamos em conta sempre que são pessoas que vão viver a serviço da Igreja, da comunidade cristã, do povo de Deus. Não nos esqueçamos desse horizonte. Temos de cuidar que sejam psicologicamente e afetivamente sãos” (pp. 79-81).

## Homossexualidade

“É algo que me preocupa, porque talvez em um momento não se enfocou bem. Na linha do que estamos falando, diria que temos que cuidar muito na formação da maturidade humana e afetiva. Temos que discernir com seriedade e escutar a voz da experiência que tem também a Igreja. Quando não se cuida do discernimento em tudo isso, os problemas crescem (...). A questão da homossexualidade é uma questão muito séria que se deve discernir adequadamente desde o começo com os candidatos, se é o caso. Temos de ser exigentes. Em nossas sociedades, parece inclusive que a homossexualidade está em moda e essa mentalidade, de alguma maneira, também influi na vida da Igreja (...). Não se trata apenas de um afeto. Na VC e na vida sacerdotal, esse tipo de afeto não tem cabimento. Por isso, a Igreja recomenda que as pessoas com essa tendência arraigada não sejam aceitas no ministério nem na VC (...). Aos padres, religiosos e religiosas homossexuais, há que urgir-lhes a viver integralmente o celibato e, sobretudo, que sejam seriamente responsáveis, procurando não escandalizar nunca, nem suas comunidades nem o santo povo fiel de Deus, ao levar uma vida dupla. É melhor que deixem o ministério ou a VC do que levar uma vida dupla” (pp. 81-82).

## Acompanhamento

“O religioso ou a religiosa há de buscar caminhar com um companheiro ou companheira de mais idade, com mais experiência. O acompanhamento é necessário. É necessário pedir também a graça de saber acompanhar, escutar. Na VC, muitas vezes, um dos problemas maiores com os quais se encontra um superior ou uma superiora provincial é ver que um irmão ou irmã está só, caminha só. Definitivamente, assim não se pode crescer na VC, nem ser formado, sem uma pessoa que acompanhe” (p. 83).





## 18 Diálogo

“A diversidade é riqueza sempre que vivida em uma harmonia que supere isso que sempre se dá em todo grupo humano, que são os grupos | partidos: ‘Eu sou de Apolo, eu de Paulo, eu de Pedro...’. O caminho é o diálogo ou, se se prefere, o diálogo é o caminho (...). E o diálogo é uma arte que também se aprende desde a formação. Os bons formadores têm que ajudar as pessoas consagradas jovens a aprenderem a arte do diálogo e do discernimento em comum, que ajuda a por ordem na variedade de pontos de vista e vai criando a harmonia (...). Há muitos padres, religiosos e religiosas que não sabem escutar. E me pergunto: se não sabes escutar a teu irmão ou irmã que tens perto, como vais escutar a Deus, a quem não tens diretamente diante de ti? Saber escutar é fundamental. Se não tens paciência com teu irmão, como vais tê-la com o Senhor? É necessário enfrentar a vida tal como ela se apresenta” (pp. 84–85).

### Mundanidade

“O mundano pega. Faz falta maior ascese, nascida do amor e da contemplação de Jesus para não sucumbir. Há religiosos que, no fundo, não sabem se são consagrados ou leigos. Não me refiro aos sinais externos, ao vestir. Isso é algo relativo. Pode ser e pode não ser. Há padres e também bispos que andam de batina e, entretanto, vivem em uma grande hipocrisia, porque, no fundo, têm um coração mundano. Outros clérigos se vestem com simplicidade, inclusive sem roupa clerical, e têm um grande amor a Jesus. Depende. Acredito que o sinal, sem dúvida, faz bem, mas não me apego a isso. Há que ver cada caso. Alguém pode levar um hábito ou uma roupa clerical e ser mundano (...). A mundanidade é uma questão de critérios, também critérios de ação, de vida, de contemplação: ser mais do mundo do que do Senhor. No fundo, é valorizar as coisas a partir de critérios mundanos. Além disso, é algo que se esconde sob aspecto de bem. Mas... cuidado! Jesus nos pediu claramente que nos cuidemos do mundo. De Lubac fala dessa mundanidade espiritual como uma atitude radicalmente antropocêntrica. Apresenta-se como desprendimento da outra mundanidade, mas, na verdade, em vez de buscar a glória do Senhor, busca a glória humana. Recorda a oração de Jesus na Última Ceia: ‘Não os afastes do mundo, mas defende-os do espírito do mundo...’. Ter os critérios do mundo em vez de ter os de Jesus é o contrário do que significa a consagração religiosa” (pp. 86–88).



## Vida fraterna

“Não caíamos nunca na tentação de viver de maneira hipócrita na comunidade (...). Creio que é muito necessário morder a língua. Para mim, este é um dos mais fecundos conselhos ascéticos para a vida comunitária. Antes de falar mal de um irmão ou de uma irmã, morda a língua. Se tens algo a corrigir no irmão ou algo com que não estás de acordo, vá e diga. E, se não se pode dizer, comente com discrição com quem pode por remédio, que é a autoridade competente, o superior ou a superiora. E a ninguém mais. Mas não murmures contra os irmãos” (pp. 89-90).

## O serviço da autoridade

“Rezar, gostar do irmão e escutá-lo. Acima de tudo, preocupar-se com seus irmãos e irmãs. Sem isso, não há nada. Por outro lado, a pessoa que serve à comunidade com a autoridade tem que ser uma pessoa de uma vida de oração e piedade que a leve a acrescentar sempre, também a seus irmãos e irmãs, a pertença filial a uma família religiosa, ao carisma, às tradições do Instituto; em definitivo, à Igreja. Quando um superior ou superiora se esquece de ser filho, não sabe ser nem pai, nem mãe, nem amigo, nem irmão. O que não é filho, não pode ser pai (ou mãe, no caso de uma mulher)” (pp. 92-93).

## Pobreza

“A pobreza é chave para a VC. E se deixa notar em tudo. O povo o vê: este é pobre, esta é pobre. Não tem coisas supérfluas, não vive superfluamente. Santo Inácio dizia que a pobreza é mãe e, como mãe, gera para a vida espiritual. Gera-nos, levando-nos a buscar a única riqueza que é o que o Senhor nos pede. É a riqueza de descobrir que se vive para o serviço. Esta é a verdadeira riqueza da vida comunitária, a riqueza das coisas evangélicas. Os bens são necessários, certamente, mas a pobreza ajuda a viver mais perto do Senhor. Sempre existe a tentação de ter escapatórias, mas... É preciso ter cuidado também para não cair em certa ideologização da pobreza. Refiro-me a que, às vezes, fala-se muito dela e não se vive tanto. Teoriza-se muito sobre isso, mas nossos critérios e ações não acompanham verdadeiramente as teorias. A pobreza é para ser vivida. E se há de vivê-la com alegria. Vivê-la com alegria e festejá-la. Os pobres têm uma impressionante capacidade de fazer festa. Não



perdem a alegria, mesmo em meio à pobreza mais severa. É algo que comove. Creio que assim devemos viver a pobreza, com naturalidade, com simplicidade, preocupando-nos com sinceridade com os que tiveram menos sorte na vida. A pobreza é estar realmente a serviço dos irmãos, implicar-se e servir, vivendo com simplicidade, sem necessidades artificiais, em harmonia com a criação e com a consciência desperta de saber que há milhões de seres humanos que vivem, ou melhor, sobrevivem com menos do que é justo” (pp. 93-94).

## Fecundidade da VC

“Assim como a Igreja, a VC também é fecunda no feminino. A VC é feminina. Às mulheres consagradas, costumo dizer-lhes que têm uma dupla responsabilidade, além da própria: são imagem da Igreja e da Virgem Maria. A VC está na linha do feminino da Igreja. Assim, o que dizemos da Igreja, de Maria e da própria alma, dizemo-lo também da VC. Assim entendo a questão da fecundidade da VC. Quando muitas mulheres levantam a questão sobre o lugar ou o papel da mulher na Igreja, costumam insistir que é preciso dar à mulher tal cargo ou tal função... Seguramente, temos de avançar mais nisso também, mas creio que o caminho da funcionalidade não resolve a questão. A questão da mulher na Igreja, também da VC feminina, será resolvido pelo caminho da feminilidade, o caminho de Maria. Von Balthasar falou-nos de dois princípios: o princípio petrino e o princípio mariano. A Igreja é mulher. A Igreja é esposa. Na Escritura, aparece claro. A VC se insere mais nesta gratuidade sponsalícia. Também os varões consagrados hão de viver isso, mas de uma maneira diferente. A questão não está tanto no fazer, mas no ser fiel. Ser fiel ao esposo. A fidelidade é um dos grandes valores e princípios da VC. Evidentemente, qualquer cristão tem que ser fiel: um sacerdote secular também tem que ser fiel, mas, por dizer de alguma maneira, para a VC a fidelidade é como seu fundamento chave. Insisto: todos temos que ser fieis, mas a VC, de alguma forma, tem que demonstrar essa fidelidade de maneira especial, pois nela há, claramente, um caráter sponsalício” (pp. 95-96).

## Opção medular da VC: caminhar

“Trata-se de caminhar na presença de Deus, sentir que estamos caminhando para onde ele nos leva, deixando-nos guiar por sua promessa. Essa há de ser a base de toda opção atual na Igreja. Caminhar com ele,





fazendo o que ele nos manda. Caminhar, sempre caminhar. Eu sublinharia isso como opção medular para a VC hoje em dia. Se a VC não caminha, então perdeu. Se não caminha na presença de Deus, perdeu. E se caminha, sem mais, sem buscar uma perfeição, sem ser ‘irrepreensíveis’, também perdeu. Depois, serão feitas as diversas opções. Entre elas, é clara a opção pelos pobres. Eles são o centro do Evangelho. Ninguém pode se excluir disso. Talvez tenha havido um tempo em que foi necessário acentuar isso, pois parecia mais esquecido, mas hoje isso é algo incontestável. Creio que na base de toda verdadeira opção da VC estão estas palavras: ‘Caminha em minha presença e ser perfeito’” (pp. 97-98).

## Dimensão escatológica da VC e missão

“Esta dimensão escatológica da VC é importante. É um viver ‘como se...’. ‘Já e ainda não’. É o que temos que viver como horizonte. É viver em expectativa esse esperar e, enquanto isso, discernir os sinais dos tempos (...). Temos de caminhar para esse horizonte escatológico, para este ‘Vem, Senhor Jesus’ contínuo que nos está esperando, com o discernimento como parte desse caminhar. A partir dessa visão escatológica, o que se há de primar, sem dúvida, é a missão. É evidente que uma VC que não integre bem a missão para a qual nasceu caminha desorientada. A missão é a que te faz caminhar na presença do Senhor para esse horizonte. É uma visão fundamental. Deves te perguntar: Quem te dá a missão? Quem suscitou teu carisma e o modo de levar em frente essa missão? De quem recebes a missão? Isso é importante. A missão tem que olhar para um horizonte sempre maior. Não se trata tanto de organização. O importante é a espiritualidade que há de guiar toda reorganização ou renovação nas congregações religiosas (...). Evidentemente, é necessário analisar o presente e fazer um discernimento do presente, mas temos de atrever-nos a frequentar o futuro, sem perder nossa memória” (pp. 99-100).

## Memória e profecia

“O tema da memória e das raízes é importante. É um tema no qual quero insistir. Parece-me importante e urgente, na sociedade em geral, mas, particularmente, no que se refere à VC. Hoje, o diálogo entre gerações é fundamental. É necessário enfocá-lo adequadamente, pois não podes olhar bem para o futuro se não vais à raiz e falas com os mais velhos





(...). Não pode haver verdadeira profecia sem memória. O diálogo entre os idosos e os jovens é importante. E isso não se soluciona colocando os idosos em uma enfermaria. Às vezes, não há outro remédio. Diria, porém: ‘Está bem, mas envia um jovem para cuidar deles’. Creio que o ideal é que as pessoas consagradas idosas estejam em comunidades, pois, quando são generosas e não vivem olhando o próprio umbigo ou só a seus achaques, são pessoas que fomentam o diálogo e isso traz uma riqueza infinita. Quando o jovem caminha com o mais velho, o idoso se entusiasma, revive, sonha, fala, conta. O jovem se encontra com coisas que não esperava e recria para o futuro o que recebe. A história que viveram os idosos é raiz para que a árvore floresça. Creio que, hoje, a VC necessite isso. A cultura contemporânea precisa restabelecer esse diálogo com suas raízes (...). Temos de dizer aos jovens que falem com os idosos, para fomentar o sonho dos anciãos e a profecia dos jovens. Assim, a profecia terá raízes e não será líquida, como algo que se move no ar e que não serve para nada” (pp. 101-102).

## Missão ad gentes

“Hoje, quando falamos de missão, falamos de um conceito mais amplo do que missão ad gentes, mas a missão ad gentes continua sendo muito importante. Isso na medida em que a VC e as comunidades se incultu-rem no lugar, não quando vão como ‘patrões’, a ditar aos outros normas e formas de viver ou crer importadas, às quais há que se submeter ou obedecer (...). As congregações religiosas não podem ir a outros países sem renunciar um pouco ao seu, pois correm o perigo de não se inculturar e não fazer bem nem à evangelização nem ao povo (...). A missão ad gentes continua sendo importante, mas sempre sem perder de vista essa sua inculturação que nunca se esquece que o Evangelho tem que se inserir nas culturas, a partir das categorias próprias de cada cultura, sendo escrupulosamente respeitosos e sem fazer proselitismos. A verdadeira evangelização caminha pela via do testemunho” (pp. 105-106).

## Missão partilhada com os leigos

“Quando falamos das obras, um sinal claro de que nelas há vitalidade é o fato de serem capazes de agrupar leigos comprometidos com a missão que ali se realiza. Sem dúvida, temos que animar e formar os leigos que trabalham com as diferentes congregações e com as pessoas consagradas, mas temos também de convocá-los a obras e instituições





capazes de ser significativas. O cuidado pastoral que devemos ter com os leigos há de chegar ao ponto de não deixar nenhum deles tanto sem formação quanto sem uma clara pertença. Temos de criar instituições e obras capazes de provocar essa pertença carismática” (pp. 106–107).

## A fronteira da educação

“Educar é dar elementos para vencer. Isso, sempre que se conceba a educação corretamente. A educação não consiste em encher de conceitos a cabeça dos jovens. Isso não serve. A educação verdadeira tem que guardar um equilíbrio entre as três linguagens humanas: a da mente, a do coração e a das mãos. Trata-se de ensinar a pensar bem, sentir bem e trabalhar bem. E isso de forma coordenada, de tal maneira que se pense o que se sente e o que se faz, que se sinta o que se pensa e o que se faz, e se faça o que se sente e o que se pensa. Tudo bem coordenado. Isso é educar” (pp. 108–109).

## O serviço das religiosas

“A religiosa, assim como os varões, foi chamada para servir. Nosso específico é servir. Contudo, infelizmente, no imaginário coletivo, considerou-se injustamente as religiosas como de segundo nível e, às vezes, utilizaram-nas como empregadas. Quando vejo, por exemplo, clérigos que têm duas ou três religiosas a seu serviço – ainda que lhes pague o que é devido – enquanto há tantas outras mulheres que precisam trabalhar, isso não me agrada. Eu lhes diria: ‘Digam às Irmãs que voltem a trabalhar em sua congregação, a partir de seu carisma, e deem trabalho a outras pessoas que possam fazer os serviços da casa’. Acredito que isso, no fundo, são os restos de certa mentalidade de ‘principismo’ que temos na cabeça. Essa mentalidade não é correta. Ao utilizar as religiosas como pessoal de serviço particular, quando não é o seu, talvez se lhes esteja negando sua própria vocação e seu carisma” (p. 110).

## Dignidade da mulher

“Acredito verdadeiramente que temos de caminhar para um sempre maior reconhecimento da dignidade da mulher no mundo e também na Igreja. Avançar em igualdade é algo bom. Isso sim. As religiosas que assumem estilos masculinos, porém, não me convencem. Não faz falta deixar de ser mulher para igualar-se” (p. 111).





## 24 Conversão ecológica

“Se, como pessoas consagradas, perdemos esta dimensão de fraternidade com toda a criação, aburguesamo-nos no sentido sócio-político da palavra. Podemos acabar sendo uma aristocracia distante da fraternidade universal. Por isso, em *Laudato si'*, os pobres são tão importantes. Fala-se de *Laudato si'* como uma encíclica verde, mas eu diria que é, antes de mais nada, uma encíclica social. Optar realmente pelos pobres é optar também pela criação. Somos chamados a tomar maior consciência de que a defesa da criação é, no fundo, consciência de que tudo vai se fazer novo. É a promessa da Escritura, no livro do Apocalipse (21,5), quando o Senhor nos diz: ‘Eis que venho e faço novas todas as coisas’. O Senhor vem e refaz tudo. É a redenção. A liturgia diz que Deus foi maravilhoso na criação, mas foi ainda mais maravilhoso na recriação, na redenção. Há todo um dinamismo da redenção no mundo criado. Somos chamados a ser fieis a isso e a não usar o mundo para destruí-lo (...). Creio que a formação ecológica é chave e repercute claramente na forma de conceber e viver a pobreza na VC, em harmonia com toda a criação” (pp. 111-112).





## IRMÃ AMÁLIA DE JESUS FLAGELADO E AS ORIGENS DA COROA DE NOSSA SENHORA DAS LÁGRIMAS

No Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, fundado, no Brasil, por Monsenhor Dom Francisco de Campos Barreto, Bispo de Campinas, viveu uma piedosa religiosa de nome Irmã Amália de Jesus Flagelado<sup>1</sup> (pelo batismo, Amália Aguirre). Tal como uma outra alma privilegiada, Teresa Neumann, mística da Alemanha, ela teve no seu próprio corpo os Estigmas de Jesus.

A Irmã Amália Aguirre pertenceu ao primeiro grupo das oito freiras, cofundadoras do Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, que, no dia 8 de dezembro de 1927, receberam o hábito religioso e fizeram os seus votos perpétuos igualmente no dia 8 de dezembro de 1931.

Nessa época, um parente da Irmã Amália estava em grande aflição porque a sua esposa se encontrava gravemente doente e vários médicos lhe declararam que já não havia nenhum remédio que pudesse salvá-la. Rompendo em lágrimas, o pobre homem interrogou: “O que vai ser então dos meus filhos”?

A Irmã Amália tomou muito a peito a aflição desse seu parente e dirigiu-se, numa confiante oração, ao Divino Salvador.

De repente, a Irmã Amália se sentiu interiormente chamada a ir ter com Jesus presente no Sacrário. Ela foi para a capela onde, de braços abertos, se pôs de joelhos diante do altar e disse a Jesus Sacramentado:

“Se já não há salvação para a mulher de T., eu mesma estou disposta a oferecer a minha vida pela mãe desta família. Que quereis que eu faça”?

<sup>1</sup> <http://www.nossasenhoradaslagrimas.com/irma-amalia/>





## A primeira aparição de Jesus (Manietado) e a revelação das orações da Coroa de Nossa Senhora das Lágrimas

Então, Jesus lhe apareceu e respondeu: “*Se queres obter essa graça, pede-Ma em atenção às Lágrimas de Minha Mãe*”.

Perguntou a Irmã Amália: “*Como devo rezar*”?

Então Jesus lhe ensinou as seguintes invocações:

“Ó Jesus, atendei as nossas súplicas pelas Lágrimas da Vossa Mãe Santíssima. Ó Jesus, olhai para as Lágrimas d’Aquela que mais Vos amou na Terra e mais intensamente Vos ama no Céu”.

E acrescentou: “*Minha filha: tudo o que os homens Me pedirem em atenção às Lágrimas de Minha Mãe, Eu amorosamente lhes concederei. Mais tarde, a Minha Mãe concederá este tesouro ao nosso querido Instituto como um ímã de Misericórdia*”. Isto aconteceu no dia 8 de novembro de 1929.

## A aparição de Nossa Senhora das Lágrimas e a Sua entrega da Coroa (ou Terço) das Lágrimas

No dia 8 de Março de 1930, a Irmã Amália de Jesus Flagelado estava na capela, de joelhos, nos degraus do altar, quando, de repente, sentiu-se como que elevada para o alto.

Em seguida, uma Senhora, de uma indizível beleza, aproximou-se dela. Trazia um vestido roxo, um manto azul e um véu branco que a envolvia até ao peito.

Com um sorriso aproximou-se da Irmã Amália, pairando.

Tinha nas mãos um terço a que Ela mesma chamou de “coroa”. As suas contas brilhavam como o Sol e eram brancas como a neve.

Entregando-lhe esse Rosário, a Santíssima Virgem Maria disse: “*Esta coroa (ou terço) é a Coroa de Minhas Lágrimas*”.

## Revelação da prodigiosa medalha de Nossa Senhora das Lágrimas e de Jesus Manietado

Numa aparição a 8 de Abril de 1930, a Santíssima Virgem pediu à Irmã Amália que mandasse cunhar uma medalha de Nossa Senhora das Lágrimas e de Jesus Manietado, e disse que essa mesma medalha



devia ser muito divulgada para que o poder de Satanás no Mundo fosse vencido. Nossa Senhora acrescentou que todos os fiéis que a trouxessem com amor e devoção obteriam inúmeras graças.

Por ordem da Santíssima Mãe de Deus, a medalha traz cunhada na frente a imagem de Nossa Senhora das Lágrimas em atitude de entrega da Coroa das Lágrimas (exatamente como aconteceu na aparição de 8 de Março de 1930 à Irmã Amália) e rodeada pelas palavras: “*Ó Virgem Dolorosíssima, as Vossas Lágrimas derrubaram o império infernal!*”

No verso, a medalha traz cunhada a imagem de Jesus Manietado – ou seja, amarrado durante a Sua Dolorosa Paixão – e com as seguintes palavras: “*Por Vossa Mansidão Divina, ó Jesus Manietado, salvai o Mundo do erro que o ameaça!*”

As palavras de Jesus transmitidas à Irmã Amália para todos os missionários das Lágrimas de Maria Santíssima: “*Minha filha: hoje vou falar-te das Lágrimas de Minha Mãe.*”

Durante vinte séculos elas ficaram guardadas no Meu Divino Coração para agora as entregar.

Com esta entrega, Eu te constituo apóstola de Nossa Senhora das Lágrimas e sei que estás pronta a dar a vida pela difusão de tão santa devoção.

“Ser missionário das Lágrimas de Minha Mãe é dar-Me imensas consolações! Eu dei valor infinito a essas Lágrimas e, com elas, os que se propuserem a propagá-las terão a felicidade de roubar pecadores ao maligno, cujo ódio há-de colocar-lhes muitos obstáculos para que elas não sejam conhecidas”.

## As Lágrimas de Maria são uma fonte de Misericórdia Divina!

“O Mundo tem necessidade de Misericórdia e, para recebê-la, não há dádiva mais preciosa do que as Lágrimas de Minha Mãe!”

Se as lágrimas de uma mãe comovem o coração de um filho rebelde, então como não se há-de comover o Meu Coração que tanto ama esta Mãe?

Este tesouro magnífico, guardado vinte séculos, está agora nas mãos de todos para com ele se salvarem muitas almas das garras infernais!





Quando as almas generosas dizem: “Meu Jesus, pelas Lágrimas de Vossa Mãe Santíssima”, o Meu Coração abre-se e faz jorrar sobre aquelas almas as torrentes da Minha Misericórdia”!

As promessas de Jesus Cristo (Manietado) a todos os Missionários das Lágrimas de Maria:

“Todos os que se propuserem propagar as Lágrimas de Minha Mãe, no Céu receberão uma alegria toda especial e louvarão todas as horas que passaram a divulgá-las.

Todos os sacerdotes que difundirem o poder das Lágrimas de Maria terão seus trabalhos produzindo frutos de vida eterna e grandes coisas farão por amor a Mim.

A difusão desta riqueza das Lágrimas de Minha Mãe é de muita importância para o Meu Coração porque vai me dar milhões e milhões de almas!

Sou o teu Jesus Crucificado que em todas as mãos depositou tão sagrado e poderoso tesouro, do qual deves ser apóstola incansável e ser capaz de dar a vida por ele.

Felizes os que difundirem as Lágrimas de Maria”!

Para saber como rezar o Terço das Lágrimas, acessar: [https://www.tearlove.org/history\\_POR.html](https://www.tearlove.org/history_POR.html)



# UNIÃO INTERNACIONAL DAS SUPERIORAS GERAIS (UISG)

LILIANE ALVES PEREIRA<sup>1</sup>

SANDRA MARIA DA GUIA RIBEIRO<sup>2</sup>

A vida humana é marcada por encontros, encontros capazes de promover verdadeiro Pentecostes na vida daqueles que deles participam. Foi assim a experiência do encontro vivenciado por 180 religiosas de todos os continentes, sendo 19 delas brasileiras, que estiveram em Roma, na sede da União dos Superiores Gerais (UISG), nos dias 21 de janeiro a 1 de fevereiro de 2019, no seminário Intercultural, com o tema Integrando nossa Diversidade pela Interculturalidade.

Na dinâmica do encontro, foram necessários alguns pressupostos básicos, dentre eles o da comunicação. Pensando nisso, tínhamos quatro línguas oficiais, a saber: inglês, espanhol, italiano e francês, pelas quais éramos destinadas a partilhar a vida e a missão de cada religiosa e sua congregação.

Aqui reside o segundo pressuposto do encontro, a partilha: em um olhar intercultural todas as culturas têm valor, todas elas são boas. Entretanto,

- 1 Liliane Alves Pereira (Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã). Bacharel em enfermagem pelo Instituto Doctum de Educação e tecnologia, mestre em enfermagem- pela Universidade Federal do Rio Grande, FURG-RS, doutoranda em enfermagem, pela mesma instituição, especialista em Assessoria Bíblica DABAR CEBI/EST. Atua como professora dos cursos de ciências da saúde da Universidade Franciscana.
- 2 Sandra Maria da Guia Ribeiro (Irmãs Missionárias do Imaculado Coração de Maria- ICM). Bacharel em Direito, Centro Universitário Uniabeu, Pós-graduação em aconselhamento – Counseling. Sociedade Educacional e Editora IATES LTDA. Atua como Ecônoma da Congregação. Assessora Executiva Regional - Conferencia dos Religiosos do Brasil, Rio de Janeiro.





nenhuma é perfeita, soberana ou imaculada, todas necessitam de conversão, conversão que se dá a partir de uma partilha livre, de uma consciência pessoal e missionária e de uma escuta qualificada.

Para enriquecer ainda mais o encontro e não fazer dele um evento, é importante considerar as diferenças. Estamos acostumados a ver o outro pelo espelho, pela semelhança, e chegamos a nos perguntar: o que temos em comum? No caminho da interculturalidade, a ênfase está no que nos difere, no que nos torna únicas, para que, através da unicidade, reconheçamos o bem, o valor que é o/a outro/a em nossa vida. Assim, a diferença é a chave para a construção de uma vivência intercultural consciente, dialógica e pautada no evangelho.

Sim, é Jesus o Homem do encontro, e que faz de cada encontro um momento único na vida do encontrado e dele mesmo. À luz da interculturalidade, é possível elencar, no mínimo, três encontros interculturais de Jesus:

**Jesus e a mulher Siro-fenícia** (Mt 15,21-28). Para Jesus, sua missão estava clara, “veio para as ovelhas perdidas da casa de Israel”. Sendo a mulher siro-fenícia uma estrangeira, a relação dela e de Jesus não passava de um mero acaso, não era um encontro, era um evento. Entretanto, a mulher Cananea, consciente de sua diferença (mas também os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa) fomenta em Jesus a beleza de ser o Emanuel, Deus conosco, Aquele que veio para todos, e o mero acaso ganha status de encontro (seja feito como você deseja, pois grande é a sua fé).

Jesus (judeu) se percebe diferente da mulher cananea, mas essa diferença abre para Ele a possibilidade de alargar sua missão, de ser o Messias inclusivo, capaz de trazer para o cenário em que ele habita pessoas de outra cultura, raça, credo. Jesus é quem faz a opção de ser marginalizado para trazer para dentro aqueles/as que a sociedade marginalizou. Aqui reside a **parábola do “Bom” Samaritano** (Lc 10,25-29.31-37). Nela Jesus mostra que o maior legado que um encontro pode deixar é a capacidade de curar as feridas, de cuidar do outro e de perceber que são as diferenças que o constroem. O encontro é com um estranho, que, a partir daquele momento, deixa de sê-lo, e o que une é o sentimento de misericórdia. Jesus revela, a partir desse texto, a grandeza da hospitalidade, a beleza do ser para o outro e o desafio constante de deixar suas seguranças (semelhantes) para abrir-se à diferença.

É no encontro verdadeiro que se acentuam as diferenças, e estas não dividem, pois cada um as coloca a serviço, cujo objetivo é fazer da





experiência comunitária um lugar de bem querer, um espaço comum em que ser quem eu sou não dificulta em nada o ser da outra, de ser quem ela é; antes construiremos inter-relações que, ao nos verem, as pessoas falam: “vejam como elas/es se amam” (Atos 20,35).

Essa relação inclusiva, de convivialidade, não pode ser ensimesmada, não pode ser autorreferencial. Jesus se abre para que outros experimentem essa relação intercultural. Ele, ao fazer opção por ser estrangeiro e marginalizado, não permite que aqueles que o encontram sejam marginalizados. Assim é **o encontro com a mulher Samaritana** (Jo, 4,5-9.7-8.19-26) que, a ela e ao seu povo, era imputada uma carga de discriminação. Com a chegada de Jesus, na busca de fazer o novo acontecer, são incluídos, os tira da margem, e a partir de agora vocês não estão mais fora, excluídos, como um povo que não sabe adorar. Agora vocês estão dentro da história como os judeus, (está chegando a hora e é agora que os verdadeiros adoradores adorarão em espírito e verdade (Jo 4,23).

Esses são apenas alguns elementos que foram trabalhados no seminário, que nos ajudam a viver, a promover e a fomentar encontros interculturais. E nos trouxeram também temas, como: A interculturalidade na vida religiosa hoje; Perfis sociais; liderança intercultural; marginalidade criativa e o ministério cristão; Gênero e interculturalidade, a personalidade, a cultura e a teologia da interculturalidade; o diálogo profético.

Vale recordar ainda que o termo interculturalidade não tem semelhança com internacionalidade. Ainda na perspectiva do encontro a internacionalidade são pessoas de diferentes países que se encontram, podem até viver juntas, mas não fazem uma comunhão mais profunda, não se deixam e não se dão a conhecer. A interculturalidade possui uma dimensão teológica, em que por uma opção feita as pessoas se encontram, se permitem conhecer e ser conhecidas. A vida intercultural é uma oportunidade de autêntico discipulado vivida por pessoas culturalmente diferentes, numa mesma comunidade.

A diversidade que temos em nossas congregações são hoje uma interpelação para conhecer, valorizar e construir caminhos que nos levam a encontros verdadeiros e transformadores, como fez Jesus e fizeram nossos/as fundadores/as. O seminário nos deu pistas concretas para entrarmos no processo da interculturalidade, começando pelas nossas comunidades, irradiando para nossa missão junto aqueles que Deus nos confiou.

Dessa forma, nós nos conscientizamos de que o modo de vida intercultural é o modo e a maneira de vivermos nossa fé e seguirmos





Jesus. Na convivência com pessoas de diferentes culturas, não basta considerar, reconhecer como algo bonitinho, é preciso ir além das nossas fronteiras, e (in)seguras ir ao encontro do outro, buscar o diferente, valorizá-lo e construir espaços comuns de convivialidade. Esse é o dever de todo cristão. Pensemos: qual dever e qual papel da Vida Religiosa Consagrada neste processo de mudança?

Assim os objetivos do seminário podem ser descritos da seguinte forma: identificar e aprender as habilidades e virtudes necessárias para viver como comunidades interculturais, apesar do desafio que isso representa para cada um de nós. Perceber o chamado do Evangelho para a conversão, mas oferece um desafio particular aos religiosos de hoje, especialmente aqueles socializados em culturas fortemente centradas no ego e baseadas em direitos.

Concretamente cada equipe (organizada por congregação) esboçou um plano com propostas para a vida intercultural e como tal deve ser avaliado periodicamente e partilhado com a União dos Superiores Gerais para que estes possam acompanhar as diferentes iniciativas e conseqüentemente os frutos desse encontro tão rico de vivências, tão belo de partilha e tão desafiador no cotidiano de nossa vida comunitária e na nossa missão.

Essa vivência intercultural é um anseio comum de todas/os que desejam fazer experiência de convivialidade, de encontros verdadeiros e transformadores, pois cada um sabe quem se é e conseqüentemente encontrar-se-á com Jesus na beira do poço de nossas vidas e ali (re) iniciará um diálogo capaz de transformar em bem, bondade e justiça os cenários em que estão vivendo.

Queridos/as irmãos/ãs, viver a interculturalidade é um chamado urgente para a missão neste mundo tão fragmentado e dilacerado por uma cultura dominante. Precisamos nos sentir/perceber como mulheres e homens consagrados/os desafiados a falar, com a vida, que nossa diversidade é antes de tudo um caminho para a comunhão, uma forma de ser sinal profético nesse mundo onde a internacionalização e a globalização matam as culturas e impõem lenta e efetivamente hegemonia cultural.

Estamos certas de que todas nós somos chamadas ao desafio de aprender as habilidades necessárias para vivermos em comunidades interculturais. Deus nos convida a ser uma proposta de amor e comunhão diante da intolerância e discriminação que o nosso mundo vive hoje. É Deus que nos chama.





Estimadas/os irmãos /os, a busca pela interculturalidade é como colher rosas, é preciso conscientizar-se dos espinhos, pois muitas vezes esbarramos nos espinhos, da superficialidade, do não comprometimento, da não autenticidade. Então cabe a nós aparar os espinhos, esperar ativamente que no tempo certo a rosa embeleze nossas casas e nos mostre que a diferença é o perfume que fica da relação saudável e madura que fomos capazes de cultivar no jardim da nossa Vida Religiosa Consagrada.

Dessa forma, coloquemo-nos a caminho para colher rosas de todas as cores, de todos os odores e ofereçamo-las àqueles/as com as quais nos dispomos a fazer verdadeiros encontros de comunhão intercultural. Que assim seja, amém.

## REFERÊNCIAS

BIBLIA. Português. Ave Maria, edição Catequética popular. Editora Ave Maria. 2018. 1584 páginas.

Gittins, J. Anthony. Anotações do Seminário sobre la interculturalidad. Roma: 21 de jan. -1º de fev. 2019 –UISG

Milmanda, Adriana. The way of Jesus towards interculturality. Anotações do workshop Engaging our diversity through interculturality. Roma: 21 de jan. -1º de fev. 2019 –UISG.

Norton, Tim. Christian Leadership in Intercultural Communities. Anotações do workshop Engaging our diversity through interculturality. Roma: 21 de jan. -1º de fev. 2019 –UISG.

Schroeder, Roger. Theology of interculturality and Prophetic Dialogue. Anotações do workshop Engaging our diversity through interculturality. Roma: 21 de jan. -1º de fev. 2019 –UISG.

# CURSO: ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

PARCERIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE GREGORIANA (ROMA, ITÁLIA) E DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ – PUCPR (CURITIBA, PR)

BÁRBARA PIMPÃO E PAULO QUERMES

A Fundação Marista de Solidariedade Internacional (FMSI) dedica-se à defesa de direitos de crianças e adolescentes em consonância com a missão do Instituto Marista. Constituída oficialmente na Itália em 2007 e desde 2011 com status consultivo no Conselho de Direitos Econômicos e Sociais da Nações Unidas, a FMSI oferece à Igreja, por meio de parcerias, iniciativas que potencializam a pastoral social em todas as províncias maristas.

No Brasil, por meio da União Marista do Brasil (UMBRASIL), do Centro Marista de Defesa da Infância e área de solidariedade das províncias, a FMSI contribui com um importante contributo formativo para Religiosos, Leigos e Colaboradores na parceria da Pontifícia Universidade Gregoriana e Centro de Proteção da Infância, na oferta do Curso de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescente. sob a responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR.

O objetivo do curso, com 07 módulos programáticos, é a formação interdisciplinar de leigos/as e religiosos/as para a promoção de espaços



mais seguros para crianças e adolescentes, mediação adequada e capacitação para a promoção, proteção e defesa dos direitos humanos com enfoque no enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. Sumariamente os módulos contemplados no curso são: 1. Cultura e Infância; 2. Termos e Definições; 3. Fatores de Risco e Proteção de Abuso Sexual; 4. Sinais e indicadores de abuso Sexual; 5. Entendendo os agressores; 6. Abuso nas famílias; 7. Mídia e pornografia.

Para o Instituto Marista, o investimento na educação dos profissionais que atuam na redução das desigualdades e na defesa de direitos de crianças, adolescentes e jovens significa, sobretudo, a promoção da garantia de direitos e dos valores éticos que respondem a sua missão.

A Formação continuada de religiosos, religiosos, leigos e leigas do Brasil sobre o Enfrentamento a Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes está em consonância com a recente publicação do Papa Francisco, a Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio ao considerar *“Para que tais fenômenos, em todas as suas formas, não aconteçam mais, é necessária uma conversão contínua e profunda dos corações, atestada por ações concretas e eficazes que envolvam a todos na Igreja, de modo que a santidade pessoal e o empenho moral possam concorrer para fomentar a plena credibilidade do anúncio evangélico e a eficácia da missão da Igreja.”*

A capacitação de religiosos, gestores, educadores e demais profissionais para a identificação de situações que permitam superar o ciclo de violência e contribuir para que os espaços que realizam o atendimento às infâncias e juventudes sejam ambientes mais seguros responde a uma das ações concretas.

O curso está disponível para oferta in company a partir de 2019, direcionado para instituições eclesiais e da sociedade civil. Para informações complementares é possível entrar em contato com: UMBRASIL – Área de Missão, Paulo Quermes; site: [www.umbrasil.org.br](http://www.umbrasil.org.br); e-mail: [protecaointegral@umbrasil.org.br](mailto:protecaointegral@umbrasil.org.br) ou [pquermes@umbrasil.org.br](mailto:pquermes@umbrasil.org.br) – fone: (61) 3346-5058; PUCPR – Coordenação do curso - Angela de Fatima Ulrich Jeiss - [angela.jeiss@pucpr.br](mailto:angela.jeiss@pucpr.br).





## “DEUS NOS AMOU PRIMEIRO” A PRIMEIRA CARTA DE JOÃO - MÊS DA BÍBLIA 2019

CARLOS MESTERS  
FRANCISCO OROFINO

### Época e objetivo da 1ª Carta de João

Neste ano de 2019, o mês da Bíblia tem como tema: O Amor em defesa da vida, e como Lema: Nós amamos, porque Deus nos amou primeiro (1Jo 4,19). O tema foi escolhido a partir da proposta pastoral do Documento de Aparecida para os anos 2012 a 2019: “Ser Discípulos Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”. Nos anos de 2012 a 2015, aprofundamos a primeira parte desta proposta: Ser Discípulos Missionários de Jesus Cristo. Agora, nos anos de 2016 a 2019, estamos aprofundando a segunda parte: para que nele nossos povos tenham vida. O tema central é a defesa da vida. Para cada ano foi escolhido um determinado livro para o Mês da Bíblia. Eis o esquema:

- 2016: a profecia em defesa da vida (livro do profeta Miqueias).
- 2017: a comunidade em defesa da vida (1ª carta aos Tessalonicenses).
- 2018: a sabedoria em defesa da vida (livro da Sabedoria).
- 2019: o amor em defesa da vida (1ª carta de João).

O texto escolhido para iluminar nossas reflexões sobre “O Amor em defesa da Vida” é a Primeira Carta de João. Esta carta faz parte dos chamados Escritos Joaninos, que incluem o Evangelho de João (Jo) e as três cartas atribuídas a ele (1Jo, 2Jo e 3Jo).





## Época e objetivo da 1ª Carta de João

A Primeira Carta de João é bem diferente das cartas de Paulo e das demais cartas do Novo Testamento. Não existe nela uma indicação de data, nem um cabeçalho com os nomes dos remetentes, não menciona os destinatários, nem manda saudações ou lembranças. Por isso é mais difícil conhecer a sua origem e seu local de redação. A opinião mais provável é esta: A 1ª Carta de João reúne vários trechos de uma homilia sobre a comunhão com Deus e com os irmãos. Como a linguagem é muito semelhante ao evangelho de João, é provável que a origem deste escrito tenha sido a comunidade de Éfeso, na Ásia Menor, onde uma tradição secular coloca a residência do apóstolo João. E a época seria a mesma do Quarto Evangelho, ou seja, no final do primeiro século, em torno do ano 100.

Pelo conteúdo da carta, percebe-se que ela busca responder a uma crise de fé que havia em alguns membros da comunidade. Havia neles uma insegurança quanto à maneira de entender e de viver a comunhão com Deus e com Jesus. Alguns não davam a devida importância à prática concreta da fé e do amor no dia a dia da vida e diziam que a comunhão consiste sobretudo no conhecimento intelectual (gnose, como se dizia na língua deles). Por isso, os que promoviam esta teoria eram chamados de gnósticos.

Os gnósticos ensinavam que a salvação vem por uma instrução ou iluminação superior. Eles defendiam o predomínio do conhecimento sobre a prática. A verdadeira salvação, assim eles diziam, vem pelo conhecimento intelectual e não por práticas de amor e de caridade. Esquecendo a prática do amor e da justiça, refugiavam-se numa especulação intelectual e viviam em busca das últimas novidades ou revelações espirituais. Deste modo, os gnósticos estavam criando uma divisão dentro da comunidade, separando-se dos demais (cf. 1Jo 2,19).

A maioria da comunidade, porém, achava que não basta só a gnose, o conhecimento intelectual. A comunhão com Deus e com Jesus exige gestos concretos de vivência e de partilha. Ao contrário dos gnósticos, a comunidade defendia que o verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo consiste em andar na luz de Deus, isto é: praticar a Palavra de Deus e amar os irmãos de maneira concreta, com gestos e ações de partilha (1Jo 3,17-18). A proposta da comunidade para enfrentar e superar o problema é a primeira Carta de João que estamos lendo e estudando como o livro do Mês da Bíblia neste ano de 2019.





O gnosticismo continua sendo um problema bem atual. Eis o que o Papa Francisco nos diz em seu documento *Evangelii Gaudium*: “O mundanismo pode alimentar-se, sobretudo, com o fascínio do gnosticismo, uma fé fechada no subjetivismo, em que apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da própria razão ou dos seus sentimentos” (EG 94). “Em alguns, há o cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da História. Já não há ardor evangélico, mas o gozo espúrio de uma auto-complacência egocêntrica” (EG 95).

## Divisão e natureza da 1ª Carta de João

Trata-se de uma homilia de um único pensamento, verbalizado em três meditações, cujo objetivo é ajudar o leitor, a leitora, a discernir se está ou não está em comunhão de amor com Deus e com os irmãos. Eis a divisão da carta com suas três meditações:

- 1João 1,1-4: Introdução.
- 1João 1,5 a 5,12: As três Meditações.
- 1João 1,5 até 2,28: 1ª Meditação: A palavra-chave é LUZ. Estar em comunhão é andar na luz de Deus, vivendo a fé e o amor.
- 1João 2,29 até 4,6: 2ª Meditação: A palavra-chave é JUSTIÇA. Estar em comunhão é praticar a caridade e a justiça, vivendo o amor de Cristo.
- 1João 4,7 até 5,12: 3ª Meditação: A palavra-chave é AMOR. Estar em comunhão é viver o amor, pois Deus é amor e ele nos amou primeiro.
- 1João 5,13-21: Complemento.
- 1João 5,13-17: Ensina como rezar a Deus com confiança.
- 1João 5,18-21: Síntese da carta.

## Cinco chaves para abrir as cinco portas da Carta

As cinco chaves são as palavras Amor, Jesus, Comunidade, Batismo, Gnose:

1. **Amor.** A frequência com que a palavra amor e seus derivados ocorrem na carta (mais de 40 vezes) faz perceber o eixo central da mensagem que João quer comunicar. É a vivência do amor: “Quem não ama seu irmão é um assassino” (1Jo 3,15).





2. **Jesus.** O modelo da vida cristã é Jesus Cristo. Já na abertura da carta, João deixa bem claro que o Cristo da fé não pode ser fruto de uma especulação intelectual, mas deve ser Jesus de Nazaré, pessoa histórica, bem concreta, aquele que “ouvimos, contemplamos, e que nossas mãos apalparam” (1Jo 1,1). Jesus não é um Cristo distante, longe de nós, nas nuvens. Mas é o Jesus de Nazaré, bem próximo, humano, de carne e osso, presente no meio de nós. Nós devemos seguir a este Jesus, que se tornou Cristo através da sua morte e ressurreição por todos nós.
3. **Comunidade.** Na comunidade da 1ª carta de João não se percebe organização nem hierarquia. Ela parece bastante livre e descentralizada. A pertença à comunidade se faz através da prática do amor. Nela existem aqueles que são filhos e filhas de Deus e que vivem semelhantes a Jesus Cristo no amor e na partilha. Mas existem também os perturbadores, os anticristos, os filhos do maligno, os que seguem o gnosticismo e estão dividindo a comunidade (cf. 1Jo 2,18). Na 2ª carta de João, a comunidade é chamada de “Senhora Eleita” (2Jo 1) ou simplesmente de “Senhora” (2Jo 5).
4. **Batismo.** A primeira Carta de João é uma catequese batismal. Mesmo não usando a palavra batismo, a carta alude ao batismo quando diz que Jesus “veio até nós pela água e pelo sangue” (1Jo 5,6). Como catequese batismal, a carta de João deixa bem claro qual o efeito do batismo na vida das pessoas. O batismo faz de nós filhos de Deus (1Jo 3,9); leva-nos a viver para Deus (1Jo 5,18); traz o perdão dos pecados (1Jo 2,12); é uma unção (1Jo 2,20) que nos leva a vencer o satanás (1Jo 4,4); nos faz passar da morte para a vida (1Jo 3,14) e nos leva a confessar que Jesus é o Filho de Deus (1Jo 4,15); ajuda-nos a reforçar os laços de amor dentro da comunidade. O fato de sermos filhos de Deus nos leva a não pecar (1Jo 3,6; 5,18). Mas a realidade humana mostra que somos todos pecadores, necessitados da graça de Deus e do perdão (1Jo 1,8-10). A carta chama os fiéis de “filhinhos” (1Jo 2,12) que vivem a vida numa comunidade quase caseira e familiar, e que se dividem entre “os pais” (1Jo 2,13.14) e “os jovens” (1Jo 2,13.14). Provavelmente, trata-se das duas gerações dentro da mesma comunidade: adultos e jovens.
5. **Gnose.** Alguns membros da comunidade consideravam as verdades da fé como um conhecimento superior (gnose), revelado a eles por um “espírito supremo” ou uma “inteligência suprema”. Este conhecimento superior, assim eles diziam, purifica a alma e a





liberta do corpo que a aprisiona. Por isso, os gnósticos desprezavam o corpo e a matéria. Apenas a mente espiritual ressuscitaria e entraria na luz. O corpo estaria destinado à corrupção e não ressuscitaria. É por isso que João e a comunidade cristã combatem a gnose e dão um enfoque tão forte à encarnação do Verbo e à ressurreição da carne. “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Pois nós cristãos não somos seguidores de ideias, mesmo perfeitas e intelectualizadas, mas seguimos uma pessoa real e concreta: Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus.

## João abre cinco portas para entrarmos na Carta e conhecê-la de perto

As cinco portas abertas mostram cinco aspectos atraentes da vida em comunidade: o convite inicial para viver em comunhão (1Jo 1,1-4); a luz que a fraternidade abre para nós (1Jo 2,10-11); a prática da justiça que nos faz nascer de Deus e para Deus (1Jo 2,29); a vivência do amor que torna visível o amor de Deus (1Jo 4,7-9) e o conhecimento do Deus Verdadeiro que já é o começo da Vida Eterna (1Jo 5,20).

### 1ª porta: Viver em Comunhão (1Jo 1,1-4)

O que João quer indicar quando usa a palavra comunhão? Todos nós, ou quase todos, temos no coração algumas experiências que marcam nossa vida. Em alguns membros da comunidade estas experiências já vividas eram tão fortes que eles queriam partilhá-las com os outros. O próprio João diz: “Aquilo que vimos e ouvimos, nós agora o anunciamos a vocês, para que vocês estejam em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1,3).

Trata-se da experiência bem concreta que ele, João, teve durante aqueles três anos de convivência com Jesus na Galileia. Ele mesmo a descreve como “aquilo que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam” (1Jo 1,1). Foi uma experiência profunda que se transformou em Boa Notícia; notícia tão boa, que ele quer partilhá-la com os outros. Este é o motivo que fez nascer a primeira Carta de João: o desejo de partilhar com os outros uma grande alegria. É uma experiência de vida nova tão forte, que João a experimenta como Vida Eterna. Ele diz: “Porque a Vida se manifestou, nós a vimos, dela damos testemunho, e lhes anunciamos a Vida Eterna. Ela estava voltada para o Pai e se manifestou a nós” (1Jo 1,2).





Esta nova experiência de vida marcou-o de tal maneira e lhe deu tanta alegria, que João quer partilhá-la com os outros. Ele diz: “Essas coisas, escrevemos para vocês, a fim de que a nossa alegria seja completa” (1Jo 1,4). João já tem a alegria, mas sua alegria só será completa quando ele puder comunicá-la aos outros e quando todos tiverem a mesma alegria que ele já está vivendo. Até hoje é assim: aquilo que cria e mantém a comunidade na alegria da comunhão é esta partilha fraterna das experiências pessoais que cada um tem de Jesus: Jesus de Nazaré, o Jesus dos evangelhos, morto e ressuscitado por nós.

### **2ª porta: Viver na Luz (1Jo 2,10-11)**

Dois palavras com sentido oposto, ligadas entre si, marcam a primeira carta de João: Luz e Trevas. As duas se excluem mutuamente: “Aquele que diz que está na luz, mas odeia seu irmão, está nas trevas até agora” (1Jo 2,9). Para João, viver na luz de Deus significa viver os mandamentos de Deus. Ele escreve: “Aquele que diz: “Eu conheço a Deus”, mas não guarda os seus mandamentos, é mentiroso” (1Jo 2,4).

A carta de João usa 12 vezes a palavra trevas e 14 vezes a palavra luz. A luz que percebo me faz entender as trevas, e as trevas que me envolvem me fazem entender a luz. A opção pela luz é viver os mandamentos. Observando os mandamentos, enfrentamos as trevas e vivemos na luz (1Jo 2,4.9).

João evoca a descrição da criação da luz com que Deus enfrentou e venceu as trevas. A luz que Deus criou no primeiro dia da criação e que agora ilumina nossa vida, faz entender como eram as trevas do caos de antes da ação criadora de Deus. A Bíblia fala das trevas que cobriam o abismo e sugere um oceano escuro ameaçador, onde a vida não é possível e onde a morte reina e mata tudo (Gn 1,2). Mas, logo no primeiro dia da criação, Deus vence as trevas e cria a luz. “Deus disse: “Que exista a luz!” E a luz começou a existir. Deus viu que a luz era boa. E Deus separou a luz das trevas: à luz Deus chamou “dia”, e às trevas chamou “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: foi o primeiro dia” (Gn 1,3-5).

E o poder criador de Deus é tão grande a ponto de transformar as trevas da morte em instrumento de vida. Pois Deus não eliminou as trevas, mas as controlou; reduziu a sua extensão e o seu poder. As trevas que antes ocupavam todo o espaço e todo o tempo, impedindo o nascimento da vida, agora servem à vida e recebem o nome de noite. A noite faz um





bem muito grande, pois permite o descanso. Favorece a recomposição das forças. E ensina como enfrentar as trevas. Quem habita nas trevas e com elas se identifica é o maligno, é o satanás. Devemos aprender a enfrentar o maligno da mesma maneira como Deus enfrentou as trevas. Ele venceu as trevas e as obrigou a servir à vida.

### 3ª porta: Viver na Justiça (1João 2,29)

A palavra justiça ocorre 4 vezes na primeira carta de João; a palavra justo ocorre 5 vezes. A palavra pecado, que é o oposto da justiça, ocorre 22 vezes. Todo mundo quer viver numa sociedade justa e fraterna. É um anseio geral. Apesar das dificuldades e resistências, toda sociedade quer ser construída sobre a justiça e a igualdade.

Hoje, para nós, a palavra justiça diz mais respeito à convivência igualitária e à retribuição justa entre as pessoas e os grupos da sociedade. Ela acentua a dimensão social. Na carta de João, a palavra justiça diz mais respeito ao nosso relacionamento com Deus. Quando Deus, na sua bondade, escolheu o povo, ele o justificou, tornou-o justo. Paulo pensava tornar-se justo diante de Deus através da observância da Lei. Ele queria merecer a justiça. Deus fez saber a ele que nós não podemos merecer a justiça. Ela é um dom de Deus. É Deus quem nos justifica, nos faz justos, graças à paixão, morte e ressurreição de Jesus. É assumindo esta justiça através da fé em Jesus que vencemos o pecado e nos tornamos filhos de Deus pela graça do batismo

Como vencer o pecado? Que pecado? João faz distinção entre “pecado que conduz à morte” e “pecado que não conduz à morte” (1Jo 5,16-17). Pecado que conduz à morte é aquele pecado que nega o projeto de Deus, nega Jesus, nega tudo, e mata o batismo. O pecador rompe a fraternidade e se coloca fora da comunidade. É deste pecador que Jesus dizia “que seja tratado como se fosse um pagão ou um publicano” (Mt 18,17). O pecado que não conduz à morte se refere aos pecados que ofendem a fraternidade, mas não rompem com Deus, nem negam o projeto de Jesus; o pecador não se coloca fora da comunidade, mas se arrepende, pede perdão e se reconcilia com Deus e com os irmãos. De todos estes pecados João diz: “Se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos, e a Verdade não está em nós. Se reconhecemos os nossos pecados, Deus, que é fiel e justo, perdoará nossos pecados e nos purificará de toda injustiça” (1Jo 1,8-9). É Deus quem nos justifica e nos purifica.





#### 4ª porta: Viver no amor (1Jo 4,7-9)

A palavra que mais aparece na 1ª carta de João é Amor. Hoje, não existe palavra mais desgastada do que a palavra amor. Serve para tudo! Amor é a palavra que mais aparece nas propagandas. Será que o amor da propaganda na TV é o mesmo amor de que fala Jesus quando diz: “Não existe amor maior do que doar a vida pelos amigos”? (Jo 15,13). Qual o ideal de amor que a sociedade e os meios de comunicação apresentam? E qual o ideal do amor que nos é apresentado pela carta de João?

Deus é amor. Não existe frase bíblica mais conhecida. A Primeira Carta de João usa a palavra amor 18 vezes e o verbo amar aparece 25 vezes. O amor é o eixo principal da carta. É a avenida central de onde partem ou na qual desembocam as ruas laterais. O amor de Deus é a raiz de tudo. A experiência do amor de Deus está na raiz da Bíblia. Ao longo das muitas crises que ocorreram durante a história do povo de Deus, é sempre a redescoberta do amor de Deus que fazia o povo renascer e retomar a sua caminhada. No cativeiro da Babilônia, quando tudo parecia definitivamente terminado, a crise da fé levou o povo a dizer: “YHWH me abandonou, Deus se esqueceu de mim” (Is 49,14). É como se dissesse: Nós rompemos com Deus, por isso Deus rompeu conosco! Está tudo terminado. É melhor seguir os deuses dos outros povos.

Foram os profetas que ajudaram o povo a redescobrir o amor. O amor de Deus por nós não depende da nossa fidelidade e é maior que a nossa infidelidade. É anterior, é eterno. Por isso Deus conserva o seu amor por nós. Esta constante redescoberta do amor de Deus nascia tanto da meditação sobre os fenômenos da natureza, como da experiência do amor das mães. O profeta Jeremias redescobriu o amor de Deus no movimento do sol que nasce todos os dias, independente da nossa fidelidade ou infidelidade. Deus não nos abandona: o nascer do sol é a prova:

Assim diz Javé, aquele que estabelece o sol para iluminar o dia e ordena à lua e às estrelas para iluminarem a noite, aquele cujo nome é Javé dos exércitos: quando essas leis falharem diante de mim, oráculo de YHWH, então o povo de Israel também deixará de ser diante de mim uma nação para sempre! (Jr 31,35-36; cf. Jr 31,35-37; 33,19-21.25).

Isaias redescobriu a grandeza do amor de Deus a partir do amor das mães pelos seus filhos. Ele escutava Deus dizendo: “Pode a mãe se esquecer do seu nenê, pode ela deixar de ter amor pelo filho de suas entranhas? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de você. Veja! Eu tatuei você na palma da minha mão; suas muralhas estão sempre diante de mim” (Is



49,15-16). Os profetas diziam ao povo: "Sim, nós rompemos com Deus, mas Deus não rompeu conosco! Ele nos diz: "Eu amei você com amor eterno, por isso conservei meu amor por você" (Jr 31,3; cf. Is 49,15)

Esta experiência do amor eterno de Deus tem a sua revelação maior na pessoa de Jesus. Pelo seu jeito de viver, de ensinar e de agir durante aqueles trinta e três anos ele revelou como Deus nos ama. A sua última oração antes de ser preso é como o seu testamento que nos traz as palavras de amor com que Jesus entrou na morte e agora está diante do Pai (Jo 17,1-26). A síntese deste amor infinito é a 1ª Carta de João.

### 5ª porta: Viver no Deus Verdadeiro(1Jo 5,20)

Todos nós assistimos televisão, ouvimos notícias, lemos jornais. Mas a gente não consegue acreditar em tudo que se ouve ou se diz. Existe muita manipulação das notícias: apresenta-se como verdade aquilo que na realidade é mentira. Verdade gera vida. Mentira gera morte. Como viver este conflito entre verdade e mentira numa sociedade como a nossa? Viver na verdade é Viver em Deus, é viver em Jesus, pois Jesus é a verdade. Como viver a verdade quando a mentira é apresentada como a verdade?

Deus é a verdade. Na conversa com Pilatos, Jesus disse: "Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade. Quem é pela verdade escuta minha voz" (Jo 18,37). Já naquele tempo, muita gente não conseguia escutar a voz da verdade, pois a sua mente tinha sido pervertida pela ideologia dominante da época. Mesmo querendo, não conseguiriam enxergar a verdade. Diz o salmo: "Ele se enxerga com olho tão enganador que não descobre, nem detesta o seu pecado" (Sl 36,3). O livro de Sabedoria repete a constatação: "É a maldade deles que os deixa cegos" (Sb 2,21). O profeta Isaías já dizia a mesma coisa a respeito de um fulano que carregava um falso deus nas suas mãos: "Esse homem se alimenta de cinza. Sua mente enganada o iludiu, de modo que não consegue salvar a própria vida e nem é capaz de dizer: "Não será mentira isso que tenho nas mãos?" (Is 44,20; cf. Os 5,4). E o apóstolo Paulo comenta: "Tudo é puro para os puros; mas nada é puro para os impuros e descrentes, porque a mente e a consciência deles estão corrompidas. Eles dizem que conhecem a Deus, mas negam isso com os próprios atos, pois são cheios de ódio, desobedientes e incapazes de fazer qualquer obra boa" (Tt 1,15-16).

Para nós, cristãos, Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida. Na Última Ceia, Tomé disse a Jesus: "Senhor, nós não sabemos para onde vais;





como podemos conhecer o caminho?” Jesus respondeu: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida!” (Jo 14,5-6). Sem caminho não se anda e se está perdido; sem verdade, se está na mentira; sem vida, se está na morte. Por isso, Jesus dizia às autoridades dos judeus: “O pai de vocês é o diabo, e vocês querem realizar o desejo do pai de vocês. Desde o começo ele é assassino, e nunca esteve com a verdade, porque nele não existe a verdade. Quando ele fala mentira, fala do que é dele, porque ele é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8,44).

E Jesus respondia a Pilatos e a todos nós: “Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é pela verdade ouve a minha voz” (Jo 18,37).





## INSPIRAÇÕES DA PRIMEIRA CARTA DE JOÃO PARA A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

IRMÃ LÚCIA WEILER<sup>1</sup>

*“Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele”.* (1 Jo 4, 16)

Entrando no compasso da caminhada do Povo de Deus neste mês da Bíblia, a Vida Religiosa Consagrada é convidada a fazer uma leitura orante da Primeira Carta de João, buscando, à luz da Palavra de Deus e dos sinais do tempo, critérios de discernimento e encorajamento para viver com intensidade crescente sua identidade místico-profética.

A comunidade joanina, conhecida como comunidade do Discípulo Amado, acredita no amor e sabe-se gerada na fonte dinâmica do amor de Deus, em meio às tendências da gnose e da institucionalização da Igreja, nos primeiros séculos do Cristianismo. Nasce daí uma espiritualidade encarnada místico-profética, pouco explorada, mas muito atual para o nosso tempo. A comunidade não crê num “Deus acima de tudo”, mas num Deus próximo encarnado, que entra na realidade humana e por isso assume múltiplas faces.

Este itinerário de reflexão articula-se em torno de três experiências fortes de Deus, testemunhadas pela comunidade: “Deus é Luz!” “Deus é Justo!” “Deus é Amor!”

<sup>1</sup> Lucía Weiler, Congregação das Irmãs da Divina Providência. Formação Teologia Bíblica. (Participou durante vários anos das Equipes bíblicas e teológicas da CRB e da CLAR.) Atualmente integra o Conselho Geral, com sede em Münster, na Alemanha.





O objetivo é oferecer elementos para a tão necessária revitalização das comunidades, à luz da Palavra de Deus, para que, como espaço de partilha espiritual, se tornem sempre mais reflexo vivo da fonte e dinâmica do amor de Deus Trindade e sinal luminoso de seu Reino no mundo.

## “Deus é Luz”: VRC chamada a ser sentinela e testemunha da LUZ no mundo

*“Esta é a mensagem que ouvimos dele: Deus é luz e nele não há treva alguma”  
(1Jo 1,5).*

Este é o primeiro anúncio da comunidade joanina. Carrega em si a força mística de uma experiência fundante. A pergunta que tantas vezes fazemos no cotidiano, especialmente no contexto atual, é: Como caminhar na luz em tempos de trevas e de escuridão coletiva?

O tema da “luz” é ponto de partida e fio condutor tanto do Evangelho quanto das Cartas Joaninas. A Luz aparece como oposição às trevas e ao Caos (Prólogo Jo 1, 1-18), como condição e critério de discernimento para seguir o caminho, a verdade e a vida, que é o próprio Jesus, através da prática do amor, que é seu legado testamentário (cf. Jo 14,6) .

O ponto culminante deste caminho no seguimento de Jesus é proclamado como anúncio da Boa Notícia da primeira carta de João. “Esta é a Boa Notícia que ouvimos dele e vos anunciamos: Deus é luz e nele não há treva alguma” (1 Jo 1, 1- 5). Ao falar em Boa Notícia, estamos no coração do quarto Evangelho e nele bebemos da fonte da revelação do Jesus histórico, testemunhada pela comunidade que Jesus ama e que ama Jesus. Ao fazermos uma leitura orante da primeira Carta de João, tendo como fio condutor o tema da LUZ, percebemos como a comunidade faz uma releitura do Gênesis (1,1), colocando a Palavra-Vida no princípio, como origem da LUZ: “O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz brilha nas trevas, e as trevas não a apreenderam (em algumas traduções “as trevas não a compreenderam” (Jo 1, 4-5).

Em seguida o Evangelho reflete sobre a atitude diante da luz: acreditar, compreender e acolher a luz, que é Jesus. Pessoas que não aspiram ter luz própria, mas assumem a missão de ser sentinelas e testemunhas da Luz. João Batista, como enviado de Deus, é a figura-síntese desta missão: Houve um homem, enviado por Deus. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Ele



não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. (Jo 1, 6–8, cf. tb. Jo 5, 35). Jesus é a Luz verdadeira que permanece como referência e critério de discernimento no mundo. Só com muita luz interna, cuja fonte é Deus, podemos tentar ser clarão e sentinelas da luz em meio à escuridão.

### Eu sou a Luz do mundo: Critério para o Discernimento

Deus é Luz e na sua Luz encontramos a luz para os discernimentos na caminhada de seguimento de Jesus. Dentre as sete autoproclamações de Jesus introduzidas pelo “Eu sou” (Ego eimi) está o predicativo da Luz: “*Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não andar*á em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8, 12). Desta afirmação decorre o critério para o discernimento na vida cristã, especialmente para Vida Religiosa Consagrada, chamada a ser sentinela da Luz no mundo.

Quando a carta de João fala em “juízo”, geralmente se refere ao que entendemos por “Discernimento”.

Ora, este é o juízo: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque suas obras eram más. Pois quem faz o mal odeia a luz e não vem para a luz, para que suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se manifeste que suas obras são feitas em Deus (Jo 3, 19–21).

O episódio do cego de nascimento (Jo 9, 1–41) narra uma opção entre a cegueira e a visão como consequência do discernimento: “*Por isso, enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo*” (Jo 9, 5). Na parte central do Evangelho que encerra primeira parte do Evangelho, chamado livro dos Sinais, este discernimento chega ao seu ponto decisivo, com a palavra de Jesus: “*Vim a este mundo para fazer um discernimento: os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos*” (Jo 9, 39). Isaías, o profeta da Luz anuncia que esta é obra do próprio Deus: “*Conduzirei os cegos pelo caminho que não conhecem: na sua frente mudarei as trevas em luz*” (Is 42, 16).

A comunidade joanina, na mesma esteira do Antigo, e do Novo Testamento, retoma, seguidamente, a condição alternativa: Caminhar na luz ou tropeçar e cair nas trevas (cf. Lc 1, 78–79). Quando chamado para ir a Betânia porque Lázaro seu amigo e por ele amado estava doente, Jesus respondeu: “*Não são doze as horas do dia? Quem caminha de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo. Mas quem anda de noite tropeça, porque lhe falta a luz*” (Jo 11, 9–10).

Esta mesma pedagogia – mistagogia marca o discernimento e a decisão de Jesus de tomar resolutamente o caminho para Jerusalém, onde viverá a sua despedida deste mundo:



Ainda por pouco tempo a luz estará em vosso meio. Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos surpreendam; e quem caminha nas trevas não sabe para onde vai. Enquanto tendes a luz, crede na luz, e assim vos tornareis filhos da luz. Jesus disse essas coisas, retirou-se e ocultou-se longe deles. Eu vim como luz ao mundo; assim, todo aquele que crer em mim não ficará nas trevas (Cf. Jo 12, 35s. 46).

### Condição para permanecer na Luz: Prática da Justiça e do Amor

No centro e coração do Evangelho (Jo 12) encontramos a última ocorrência explícita da palavra-realidade: LUZ. Esta flui e converge para dentro da realidade da JUSTIÇA e do AMOR, na segunda parte do Evangelho e na primeira carta joanina: “*Se, porém, andamos na luz como ele mesmo está na luz, temos comunhão recíproca uns com os outros...*” (1 Jo 1, 7).

O mandamento de Jesus é viver o amor como algo verdadeiramente novo, “*porque tanto nele como em vós, as trevas passam e já resplandece a verdadeira luz*” (1 Jo 2, 8). A condição para permanecer na luz é a prática do amor que se identifica com a prática da justiça: “*Aquele que diz estar na luz, e odeia seu irmão, jaz ainda nas trevas. Quem ama seu irmão permanece na luz e não se expõe a tropeçar*” (1 Jo 2, 9-10). A prática da justiça e do amor equivalem como sinal de pertença a Deus e critério de filiação divina: “*Nisto são reconhecíveis os filhos de Deus... toda pessoa que não pratica a justiça não é de Deus, nem aquela que não ama seu irmão*”! (1 Jo 3, 10).

Chamada a ser sentinela da Luz em tempo de escuridão, a Vida Religiosa Consagrada é provocada e convocada também pelo Profeta Isaías: “*Sentinela, o que resta da noite? Sentinela, o que resta da noite? A manhã vem chegando, mas ainda é noite*”! (Is 21, 11-12).

A escuridão faz parte da nossa caminhada neste mundo. Momentos de luz e momentos de escuridão se alternam também na Vida Religiosa Consagrada. Importante é não perder o princípio da luz para podermos avançar, mesmo na escuridão, como conhecemos o legado de São João da Cruz: “*Eu conheço bem a fonte, ainda que seja de noite*”! A comunidade joanina ajuda a compreender que a dinâmica e o rumo da caminhada não podem ser decididas em momentos de trevas, de confusão e de escuridão. É urgente acender uma luz, como a mulher em busca da dracma perdida (cf. Lc 15, 8-9). A dimensão escatológica da VRC reforça a realidade de que, como João Batista, não somos a Luz do mundo, mas sentinelas e testemunhas da luz, que é o próprio Deus. Com as lâmpadas acesas e a reserva do óleo da justiça e do amor, caminhemos ao encontro das Núpcias do Cordeiro do Reino de Deus (Mt 25 1-13).



Afirmar que Deus é Luz significa excluir qualquer possibilidade de manipulação da imagem de Deus. Uma espiritualidade decorrente dessa manifestação de Deus deve caracterizar-se pela transparência da verdade, jamais pela mentira, pela prática da justiça e do amor, jamais pela injustiça e pelo ódio. O próprio Jesus é o protótipo dessa espiritualidade (cf. Jo 8,46; 11,10). Ele próprio é a luz que veio ao mundo como transparência do Pai (cf. Jo 12,45s.).

## Deus é Justo: VRC chamada a ser profecia da justiça e da verdade

*“Pai Justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci e estes reconheceram que tu me enviaste!” (Jo 17, 25).*

A Vida Religiosa Consagrada é chamada a ser consciência profética da verdade e da justiça em tempos de mentira e injustiças. O fundamento desta profecia é Deus mesmo, o Justo. Assim testemunha a comunidade do Discípulo Amado: *“Se sabeis que ele é justo, sabei também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele. (1 Jo 2, 29).* Como um refrão esta convicção é repetida em forma de orientação para a comunidade pelo autor da carta: *Praticar a justiça é tornar-se justo como Jesus é Justo. “Filhinhos, ninguém vos seduza: aquele que pratica a justiça é justo, como também (Jesus) é justo” (1 Jo 3,7).*

A prática da justiça é compreendida assim em paralelo com a prática do amor como critério de reconhecimento da filiação divina, como vida em Deus e sinal de reconhecimento do discipulado de Jesus (Jo 13,35). Omitir-se a praticar a justiça e o amor, significa negar o próprio Deus, fonte da vida: *“todo o que não pratica a justiça não é de Deus, como também aquele que não ama o seu irmão” (1 Jo 3, 10).*

### Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida: “A verdade vos libertará”

Como toda comunidade, também a comunidade joanina não se considera perfeita, mas vive a condição das limitações e do pecado. Aliás, reconhecer nossa condição pecadora é um sinal profético da verdade e da justiça. Por isso a profecia se faz pela denúncia, anúncio e testemunho. A primeira carta joanina coloca essa mesma condição: *“Se reconhecemos os nossos pecados, (Deus aí está) fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de toda injustiça” (1 Jo 1, 9).* E mais uma vez no estilo





literário próprio desta carta joanina, após o condicional “se” ... vem o tom exortativo e orientativo do carinhoso “Filhinhos”. *“Filhinhos meus, isto vos escrevo para que não pequeis. Mas, se alguém pecar, temos um advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo”* (1 Jo 2, 1, cf. Jo 16, 8.10).

Ao longo de todo Evangelho há uma oposição fundamental entre a verdade, cuja fonte é Jesus, palavra encarnada de Deus, e a mentira, cuja fonte é o Diabo, aquele que divide, mente e é pai da mentira (Jo 8,44). O ponto de partida foi o convite aos Judeus que creram em Jesus, mas já se julgavam libertados por serem da descendência de Abraão: *“Se permanecerdes na minha palavra sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”* (Jo 8, 31-32).

O diálogo polêmico que se segue à autopromoção de Jesus: “Eu sou a luz do mundo”, tem como tema o testemunho verdadeiro que é o Pai, Deus único e verdadeiro, revelado a Moisés (Ex 3,7) e encarnado em Jesus “Eu sou” (Jo 8,24). Aquele que existiu antes de Abraão (Jo 8,58).

### **Justiça e Verdade: dons do Espírito a serviço do discernimento profético permanente**

No Evangelho a verdade e a justiça são dons do Espírito e fazem parte do Discurso de Despedida, o Testamento de Jesus (Jo 13-17). Jesus se dirige a Deus Pai chamando-o de “Justo”, como culmina a oração de despedida testamentária: “Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci, e estes sabem que tu me enviaste. (Jo 17, 25). No livro do Apocalipse, Deus Justo é sinônimo de Deus Santo e a prática da justiça é sinônimo de busca de santidade: “Tu és justo, tu que és e que eras o Santo. (cf. Apoc 16, 5). O justo intensifique a prática da justiça e o santo continue a santificar-se” (Apoc 22, 11).

A profecia da verdade e da justiça é um processo contínuo que nunca termina: Na hora de sua paixão Jesus se coloca ele mesmo como profeta da verdade. “Para isso nasci e vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta minha voz”! (Jo 18, 37). A pergunta que Pilatos dirige a Jesus: “O que é a verdade”? (Jo 18,38) continua até hoje sem resposta. A resposta pode ser buscada entre aqueles que escutaram e acolheram a voz de Jesus e se tornaram seus discípulos.

Como profecia da verdade e da justiça no mundo, a Vida Religiosa Consagrada renova a credibilidade de seu testemunho místico-profético, através da prática do amor, cuja fonte é Deus-Amor.



## Deus é amor: VRC chamada a ser comunidade de Amor, reflexo do amor de Deus Trindade

*“Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1 Jo 4, 8)*

Jesus Cristo revela Deus como Pai e através da encarnação torna-se próximo, entra no círculo da amizade e firma aliança de amor eterno com seu povo. A Vida Religiosa Consagrada é, por natureza, vida em comunidade de amor. Cada religiosa e cada religioso que faz uma opção livre de seguir Jesus, na radicalidade do Evangelho, não deve ter medo de gastar sua vida por amor. *“Nisto temos conhecido o amor: Jesus deu sua vida por nós. Também nós outros devemos dar a nossa vida” (1 Jo 3, 16)*. Jesus veio para dar a vida: *“Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (cf. Jo 10, 10)*.

A pergunta que nos interpela e nos coloca em movimento de busca conjunta é: Como vivenciar a prática do amor em tempos de ódio, de violência e de discriminação? Deixemo-nos inspirar pelo testemunho da Comunidade do Discípulo Amado que acreditou no amor em meio a um mundo marcado pelo ódio e por uma tendência de hierarquização e institucionalização das próprias comunidades que vão se organizando em torno de Jesus.

### **“Deus é amor! Ele nos amou primeiro”: Fonte geradora da comunidade de Amor, no seguimento de Jesus.**

Mais que um atributo, o amor é a essência, o próprio ser de Deus. O modo como Jesus se relaciona com o Pai e com os “seus”, que lhe foram confiados pelo Pai, leva a comunidade joanina a testemunhar e proclamar sua experiência de fé: *“Deus é amor!” (1Jo 4,8.16)*. Este é um elemento fundamental da espiritualidade joanina que sintetiza toda espiritualidade bíblica e se constitui no núcleo central de toda espiritualidade cristã.

A manifestação de um Deus-Amor contrasta com um Deus-Legislador, não raras vezes presente nas espiritualidades contemporâneas. A Vida Religiosa Consagrada, ao longo da história, não ficou ilesa desta visão moralista de Deus. E provoca muitos danos. Gera moralismos e mata a criatividade e a liberdade que são características do verdadeiro amor.





Afirmar que Deus é Amor, contrasta também com a proclamação de um “Deus acima de tudo”, ou acima de todos, porque quem ama nunca se coloca acima de nada e de ninguém. Um Deus que se encarna na realidade humana entra inteiro na nossa história e aí permanece por meio do Espírito (cf. Jo 14, 15–17). É na força do Espírito da Verdade, do outro Paráclito que o Pai nos dará juntamente com o Filho, que podemos permanecer no seu amor, tornando visível a sua presença no mundo.

### **Permanecer no Amor de Deus: Critério de reconhecimento da presença de Deus, dinamizada no Espírito Santo**

*“Ninguém jamais viu a Deus.  
Se nos amarmos mutuamente, Deus permanece em nós e o seu amor completa-se em nós.”*(1 Jo 4, 12)

O sacramento da presença de Deus entre nós é, pois, o amor mútuo que gera comunidades no meio do povo, na força do Espírito Santo. Um exemplo desta sacramentalidade da presença de Deus são, de forma qualitativa, as Comunidades Eclesiais de Base e também as Comunidades de Vida Religiosa Consagrada, situadas em meio à Igreja, povo de Deus a caminho.

O amor como mandamento de Deus e testamento de Jesus, segundo a comunidade joanina, é uma releitura da opção pelos pobres presente em toda caminhada do povo de Deus.

Quem possuir bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade, mas lhe fechar o seu coração, como pode estar nele o amor de Deus?” (1 Jo 3, 17, cf. Dt 15, 7–11). Isaías na mesma esteira profetisa: “se deres do teu pão ao faminto, se alimentares os pobres, tua luz se levantará na escuridão, e tua noite resplandecerá como o dia pleno (Is 58, 10).

Viver o mandamento do amor de Deus, como consagração libertadora, através dos Conselhos Evangélicos de castidade, de pobreza e de obediência, foi e continua sendo um marco importante da Vida Religiosa Consagrada, em suas diversas formas, desde a contemplativa até a apostólica.

Uma releitura dos Conselhos Evangélicos à luz da fonte e dinâmica do amor nos remete também para a exortação apostólica *Vita Consecrata*: “Assim os conselhos evangélicos são, primariamente, um dom da Santíssima Trindade. A vida consagrada é anúncio daquilo que o Pai, pelo Filho no Espírito, realiza com o seu amor, a sua bondade, a sua beleza” (VC 20).



## Como o Pai me amou, eu vos amo, permanecei no meu amor: alicerce para uma espiritualidade pascal - trinitária

Proclamar que “Deus é Amor” significa evidenciar a face trinitária e relacional do Deus Vivo e Verdadeiro anunciado pelos profetas (cf. Jr 31,3). Um Deus - Amor é incapaz de não amar. Jesus o chama de Pai e essa relação gera confiança absoluta e afasta toda possibilidade de medo. “No amor não há medo. Antes, o perfeito amor lança fora o medo, porque o medo envolve castigo, e quem tem medo não ama incondicionalmente” (1 Jo 4, 18).

Espiritualidade, segundo a comunidade joanina é, em primeiro lugar, uma experiência fundante, relacional do amor de eleição gratuita de Deus, manifestado historicamente em Jesus Cristo na dialética da cruz-ressurreição. Esta experiência é dom gratuito, que nos introduz na vida segundo o Espírito de Deus. “*Como o Pai me amou, eu também vos amei. Permanecei no meu amor*” (15,9).

Uma espiritualidade alicerçada na fonte do Deus-Amor caracteriza-se por uma gratuidade e transcendência inesgotáveis. Exige um permanente êxodo, saída de si mesmo, para ir ao encontro do outro e do Outro. Pede a superação de toda auto-referencialidade, muitas vezes tão prejudicial nas relações comunitárias.

A comunidade joanina compreendeu muito bem esta dinâmica da liberdade, da saída de si mesma, porque se sente sustentada pela confiança gerada numa relação amorosa gratuita com Deus, que se manifesta concretamente nas relações comunitárias de irmãos e de irmãs. Este não é um amor abstrato, mas manifesta-se na prática, através de ações concretas:

Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade. Nisto reconhecemos que somos da verdade e diante dele tranquilizaremos o nosso coração, se o nosso coração nos acusa, porque Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas (1Jo 3,18-20).

Uma espiritualidade fundamentada na relação de amor com Deus é capaz de gerar autênticas comunidades de fé. Uma espiritualidade comunitária, libertadora, que se contrapõe ao individualismo espiritual. A autenticidade de tal espiritualidade é verificada pela gratuidade e transparência de relações. Uma comunidade que não vive sob a ameaça do medo, mas na liberdade do amor.





Uma espiritualidade comunitária sustentada pelo mandamento do amor mútuo é de central importância, para João, devido ao caráter testemunhal da comunidade perante o mundo. Não será um testemunho individual que convencerá o mundo, mas a força do testemunho coletivo. A comunidade deve tornar-se fortalecida em seus valores e critérios evangélicos, para ser uma “luz” para o mundo e não deixar-se absorver pelas “trevas”. Para ser testemunha da “verdade” e não deixar-se seduzir pela “mentira”.

No evento pascal, compreendido como manifestação plena do amor trinitário, inaugura-se de modo efetivo esta espiritualidade cristã. Esta é essencialmente pascal e trinitária. A esperança e alegria pascais não aparecem como uma efusão carismática do Espírito, mas brotam do processo e da busca constante de mais vida. (Jo 10,10).

Simbolicamente João ilustra esta realidade através da imagem da mulher em processo de parto; sem esconder a dor e o sofrimento, está animada pela alegria e esperança de gerar vida nova ao mundo (cf. Jo 16,21. “No Evangelho de João aparece a imagem da mulher grávida, prestes a dar à luz, como símbolo que expressa o paradoxo da tristeza pela despedida de Jesus, que se transforma em alegria diante do “novo” que surge (Jo 16,21-22). Esta comparação feita por Jesus é extremamente libertadora, porque o sofrimento do parto era considerado como castigo, consequência da maldição (Gn 3,16). Quando antes o parto estava inserido no catálogo daquilo que tornava a mulher impura e exigia ritos de purificação (cf. Lv 12,1-8), agora Jesus o usa como símbolo para mostrar uma virada completa na história: a mudança radical do antigo para o novo.”

Uma espiritualidade pascal traz consigo a dialética da Cruz – Ressurreição, da dor – alegria, da ausência – presença, da morte – vida nova, da glória que passa pelo despojamento total.

O protótipo da vivência dessa espiritualidade pascal é a própria Trindade: Deus Pai, Filho e Espírito Santo vivendo em constante processo de entrega da vida no amor. “*Deus tanto amou o mundo que entregou seu Filho único, para que todo que nele crê não pereça mas seja salvo por Ele*” (Jo 3,16).

A mesma solidariedade e compaixão de Jesus foi assumida pelo Pai sofredor que entrega o Filho e pelo Espírito vivificador que no momento supremo do despojamento (kénose) total de Deus faz surgir da morte a vida nova em plenitude. O Espírito glorifica o Pai e glorifica o Filho, mas permanece no escondimento (na kénose) da humanidade, solidário à dor e aos sofrimentos que clamam e gritam em gemidos inefáveis.





Aí está o cerne de nossa espiritualidade e da mística profética da Vida Religiosa Consagrada, especialmente no contexto latino-americano. Mesmo exaltado e glorificado, o Deus da Vida continua presente, solidário e sofredor na humanidade que sofre. Experimentar Deus é dar atenção a esta presença libertadora e vivificadora do Espírito na história do povo.

Uma espiritualidade pascal-trinitária possibilita uma autêntica e verdadeira celebração do Deus da Vida em meio ao contexto de opressão e sofrimento que contrasta com os sinais de esperança e alegria inextinguíveis na vida do povo, que Deus adquiriu como propriedade sua (cf. Dt 14,2 com Jo 17,6-26). Uma espiritualidade alicerçada no mistério pascal e na fonte de um Deus Vivo, que se relaciona no amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, alimenta as relações entre iguais, valorizando a riqueza das diferenças que geram comunidades de amor místico – proféticas.

Em síntese, podemos afirmar que João retoma com toda evidência a espiritualidade dos profetas, procurando resgatar o verdadeiro rosto do Deus Vivo como fonte inspiradora de toda prática religiosa. Prevalecem os critérios da liberdade, da luz, da verdade, da justiça e do amor (cf. Os 6,6 com 1 Jo 3,10), como sinais do verdadeiro culto a Deus e da filiação divina.

Deste modo, a Vida Religiosa Consagrada torna-se um dos rastos concretos que a Trindade deixa na história, para que as pessoas possam sentir o encanto e a saudade da beleza divina. (Vita Consecrata n.20).

Ao invés de concluir, segue o convite para continuarmos esta leitura orante em comunidade. Neste sentido podemos parafrasear as próprias palavras da primeira carta de João:

*O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. E isto vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa (Cf. 1 Jo 1,1-4).*

1. Fazer uma leitura orante da introdução à Primeira Carta de João (Jo 1, 1-4), com a pergunta: que experiência espiritual podemos testemunhar, pessoal e comunitariamente, e escrever hoje, como convite à comunhão e partilha da alegria do Evangelho?
2. Nossa comunidade é “Sentinela da Luz” e “Profecia da Justiça e da Verdade”? Que sinais mostram isso concretamente?
3. Em que podemos crescer para nos tornarmos sempre mais comunidade de amor, reflexo do Amor Trinitário de Deus, a fim de experimentemos e despertemos no mundo “o encanto e a saudade da beleza divina”, como exorta Vita Consecrata 20?





# MATURIDADE HUMANA E DE FÉ: UM CAMINHO DE APRENDIZAGEM

FREI OTON DA SILVA ARAÚJO JÚNIOR, OFM<sup>1</sup>

## A lição do mercadinho

Fazer compras no mercadinho pode ser uma experiência muito rica. Ali, fazemos algo extremamente importante na vida: escolher. Optamos por esta laranja e não aquela, este tomate e não aquele. Podemos nos perguntar pelos critérios que temos para fazer essas escolhas, afinal, cada pessoa tem suas preferências: uns preferem as batatas menores, outros acham que as bananas bem maduras são as melhores, o melão mais amarelo, enfim. Mas devemos saber que as frutas e legumes mais amadurecidos serão os primeiros a se estragar. Para garantir que elas durem mais, é melhor comprar as frutas “de vez”, um meio termo entre o verde e o maduro.

Frutas bem maduras podem ser mais saborosas, mas estão a um passo de começar a “perder”. Cumprido o ciclo natural, chegaram à última fase antes de apodrecer. Quanto mais maduras, menor o prazo para ser consumidas.

Que lição podemos aprender daí? É melhor adquirir frutas e legumes antes que amadureçam inteiramente, a menos que as queiram assim. Querer conciliar a madureza e a durabilidade não parece ser a escolha certa.

---

1 Membro da equipe interdisciplinar da CRB Nacional. Professor de Ética Teológica no Instituto Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte, MG. freioton@gmail.com.





O amadurecimento das frutas e legumes nos ensina uma segunda lição: a naturalidade do processo. Conhecemos técnicas de amadurecimento rápido, mas sabemos que o sabor nunca será o mesmo daquelas amadurecidas naturalmente. Claro, será um processo mais lento, que exigirá paciência. Na zona rural, o costume é de colher um cacho de bananas e esperar que amadureçam aos poucos. Deixar amadurecer no pé é dar azo aos passarinhos, que ficarão agradecidos.

## No reino dos humanos

Amadurecer indica processo, etapas. Acelerar ou atropelar esses processos pode ser prejudicial. Conosco, muitas vezes isso acontece: crianças que logo cedo já têm a responsabilidade de cuidar dos irmãozinhos menores, adolescentes que se veem responsáveis pela casa, dinâmicas socioeconômicas que impõem o trabalho de forma enérgica e sem romantismo. Por mais que tais realidades sejam frequentes, podemos entender que não são o melhor meio de amadurecer. Mesmo que seja difícil em muitas situações, é bom preservar o passo a passo que a vida traz.

Podemos intuir que amadurecer não tem a ver com a idade, simplesmente. Convivemos cotidianamente com pessoas de poucos anos que se mostram mais amadurecidas que outras mais velhas. Como percebemos isso? Pela maneira com que lidam com as situações da vida: na alegria sem euforia, na tristeza sem desespero, na amizade sem dependência, enfim.

Na infância e adolescência, são os pais ou responsáveis que têm o dever de proteger os filhos, satisfazer as necessidades e, mais importante, tomar decisões por eles. Com o tempo, os filhos perderão o conforto e a segurança, mas ganharão a liberdade. Amadurecer “indica a capacidade da pessoa de superar os conflitos e as frustrações de maneira eficiente; de tomar responsabilmente as decisões centrais da vida e realizá-las em situações concretas” (ANCILLI, 2012, p. 1581).

No pensamento grego, Epiteto (55-135 dC) alertava para sabermos separar o que é de nossa responsabilidade daquelas que não são:

Das coisas existentes, algumas são encargos nossos; outras não. São nossos encargos o juízo, o impulso, o desejo, a repulsa – em suma: tudo quanto seja ação nossa. Não são encargos nossos o corpo, as posses, a reputação, os cargos públicos – em suma: tudo quanto não seja ação nossa” (ENCHEIRÍDION, I, 1-2).

Sem querermos aprofundar esta ideia, Epiteto alerta que há coisas na vida que dependem de nós, de nosso esforço; outras, ao contrário,





acontecerão apesar de nós. Na conhecida oração da serenidade, dizemos: “Concedei-me, Senhor a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar. Coragem para modificar aquelas que posso e sabedoria para conhecer a diferença entre elas”. Discernir uma coisa da outra nos exigirá maturidade, a fim de não gastarmos energia por aquilo que está além de nossas forças.

Voltando ao pensamento dos gregos, será que maturidade tem a ver com certa ataraxia<sup>2</sup>, a capacidade de não se abalar perante as intempéries da vida? Esta proposta – que foi utilizada pelos estoicos –, postulava que o melhor é viver sem ser afetado pelas paixões cotidianas, passar ileso, não se deixando abalar nem pelas grandes alegrias nem pelas profundas tristezas.

O maior perigo das emoções é a tendência a tomar a dianteira, a predominar sobre as decisões racionais e a guiar o comportamento (...). [Faz-se necessário] reconhecer, aceitar os próprios sentimentos, integrá-los na estrutura pessoal superando-os e canalizando-os em linhas construtivas (ANCILLI, 2012, p. 1584).

Dessa forma, corremos o risco de pensar que uma pessoa madura seja igualmente apática (pathos = paixão). O mundo cai à sua volta e ela permanece inabalável. Sempre serena, sempre zen, sempre “sem sal”.

O dicionário define maturidade como:

Desenvolvimento pleno da inteligência e dos processos emocionais; estado em que um indivíduo goza de plena e estável diferenciação e integração somática, psíquica e mental; Qualidade daquele que, por ter atingido a idade madura, age com reflexão, com bom senso e prudência.<sup>3</sup>

Outras expressões podem ser relacionadas à maturidade: ‘equilíbrio psíquico’, ‘saúde mental’, ‘normalidade’, entre outras. No caso de relacionar maturidade à normalidade, p.e., a premissa afirma que uma pessoa só pode ser julgada madura em referência ao contexto social em que está. A maturidade exigiria que a pessoa se ‘conforme’ às expectativas da sociedade. O problema que se apresenta é identificar tal processo com certo conformismo (cf. ANCILLI, 2012, p. 1580). Se for assim, no âmbito bíblico, os profetas, – inconformados por natureza – seriam muito imaturos, por não se enquadrarem ao que estava estabelecido.

2 Do grego ataraxia (ausência de perturbações). Designando o ideal do sábio para a maioria dos filósofos da Antiguidade, a ataraxia é identificada pelos estoicos à apatia, ou seja, ao estado da alma que se tornou alheia à desordem da paixão e insensível à dor. In: DUROZOI, G. e ROUSSEL, A. Dicionário de Filosofia. Campinas, SP: Papirus, 1993.

3 <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=7mZwz> (06.02.19)



Todos nós ao nascermos somos imersos em várias tradições; delas recebemos a linguagem, a formação cultural, e muitas verdades nas quais acreditamos. “Entretanto, o crescimento e a maturação pessoal implicam que tais verdades possam ser postas em dúvida e avaliadas através da atividade crítica própria do pensamento” (João Paulo II, *Fides et Ratio*, 1998, n.31).

## Características da maturidade

A psicologia trouxe diversas contribuições para entender a maturidade. Seguimos aqui os critérios de Gordon Allport (1897–1967), para o qual uma personalidade madura caracteriza-se: a) pela expansão dos limites do eu, para além dos interesses imediatos; b) pela relação cordial com os outros, ligados ao respeito e à compaixão; c) pela segurança emocional (aceitação de si mesmo); d) pela percepção realista, habilidade e dedicação aos próprios compromissos; e) pela compreensão de si e senso de humor, afinal, é preciso ter um maduro desprendimento para poder rir de si mesmo; f) por uma filosofia unitária de vida, que abarca seus valores, objetivos e coerência (cf. ANCILLI, 2012, p. 1582).

Um sinal valioso para relacionar a maturidade é a capacidade de encontrar soluções em vez de culpados pelo que acontece. Assumir a responsabilidade de estar errado envolve reflexão e análise dos fatos e, por esse motivo, às vezes é mais fácil procurar motivações externas para nossos erros. Aqui uma personagem importante entra em cena: a culpa. Quando temos um problema, tendemos a querer encontrar o ‘bode expiatório’, alguém sobre o qual colocar a culpa.

No entanto, em vez de procurar um culpado, há algo muito mais útil: tomar medidas que nos ajudem a mudar a situação. Quando aceitamos que erros acontecem, que toda e qualquer ação está sujeita a falhas, as emoções também mudarão e não será necessário culpar-se nem tampouco apontar culpados. Ao invés disso, é melhor concentrar em reparar o erro.<sup>4</sup>

## Maturidade de fé

O que foi dito sobre a maturidade humana vale também para a maturidade de fé: ela será fruto de um processo, não terá a ver diretamente com a idade, influenciará na maneira como lidamos com as questões da vida.

4 Cf. <https://www.pensarcontemporaneo.com/maturidade-significa-buscar-solucoes/> (23.03.19).





O Apóstolo de Tarso é bastante inspirador ao afirmar esta ideia de processo: “Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança” (1Cor 13, 11).

A imagem pueril do Papai do Céu que não gosta disso ou daquilo, que ora é um juiz implacável ou que parece um ‘bichinho de pelúcia’, acompanhará muitos de nós pela vida afora. Esta tem sido uma temática bastante explorada pelo teólogo espanhol Andreas Torres Queiruga ao insistir que não devemos remeter a Deus questões que são de nossa responsabilidade (‘Senhor, acabe com a fome na África’, ‘nos livre da corrupção’). Entender que a ação de Deus não se faz por passe de mágica, que não podemos abdicar de nossas responsabilidades são atitudes que indicam maturidade espiritual. Não significa que estamos sozinhos, uma vez que somos iluminados e amparados pela Graça do Espírito, mas há coisas que cabem a nós. Vejamos um poema que pode ilustrar este pensamento:

Sei que Deus mora em mim  
Como sua melhor casa.  
Sou sua paisagem,  
Sua retorta alquímica  
E para sua alegria  
Seus dois olhos.  
Mas esta letra é minha” (Adélia Prado, Direitos Humanos).

A inabitação (‘habitar em’) de Deus evoca certa parceria, uma colaboração. No entanto, o característico da experiência humana (‘esta letra’), fica preservado. Há coisas que são de Deus, outras que são do sujeito. Essas duas realidades não estão na ordem da competição, mas da complementariedade: “Deus mora mim, sou sua paisagem, seus dois olhos”...

No evangelho de Marcos (4, 26-29), Jesus conta uma parábola na qual o agricultor prepara o terreno, lança a semente e vai dormir, pois sabe que, de agora em diante, a semente está entregue ao mistério, que compete unicamente a Deus e não a seus esforços.

## Maturidade e santidade

O Deus revelado na pessoa de Jesus criou o mundo por amor e quando chegou a plenitude dos tempos enviou seu Filho (cf. Gl 4,4). Este Deus nos chama a uma intimidade com Ele. Nos chama à santidade. A maneira como entendemos a santidade também dirá de





nossa maturidade de fé, afinal, a imagem que muitas vezes temos dos santos e santas não é muito atrativa: não comiam direito, não dormiam bem, só conversavam sobre assuntos religiosos e, o mais importante: eram assexuados. Vejamos alguns exemplos que, por sinal, vão desde os jocosos aos mais aberrantes:

São Luiz Gonzaga não gostava de brincar, só gostava de fazer altazinho e sofria com doçura inefável, o sorriso nos lábios. Santa Teresa teve um grande ódio de si mesma, ia sempre contra a sua própria vontade e fazia rigorosas penitências. Jesus e Maria foram os primeiros nomes que Santa Rosa pronunciou. Também Santo Afonso desde menino só gostava de ouvir falar de Deus e das coisas santas; confessava-se duas vezes por semana. São Pedro de Alcântara começou desde pequeno a mortificar seu delicado e inocente corpo com todo rigor e deitava água fria na comida para tirar o gosto (LEERS, 1977, p.84).

Uma santidade pensada nesses termos, convenhamos, não nos atrai mais. O Papa Francisco, então, dedicou-se a apresentar a santidade como algo que um cristão ‘normal’ pode almejar e alcançar:

Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade ‘ao pé da porta’, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da ‘classe média da santidade’” (FRANCISCO, Galdete et Exsultate, 2018, n. 7).

Francisco indica, dessa forma, que o relacionamento com Deus não é um ato heroico, para poucos, mas acessível a todos que o procuram de coração sincero (cf. Sl 145), mas de igual modo não podemos conferir-lhe atitudes que cabem a nós. Para o Papa, “uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela” (FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2013, n. 183).

Atentemos para essas poucas e profundas provocações: Francisco fala de uma fé autêntica, ou seja: nem toda fé é autêntica, pois poderá apresentar traços de imaturidade, como é o nosso assunto aqui; a fé autêntica não pode ser cômoda nem individualista: eis um bom termômetro para medir a temperatura de nossa fé, afinal, a fé cristã sempre trará consigo certo incômodo, inquietude, desinstalação, somada a





experiência da vida comunitária, coletiva. Esta fé comporta o desejo de mudar o mundo. Sim, este desejo não é de jovens alienados, uma vez que Paulo já alertava ‘a não nos conformar com este mundo’ (cf. Rm 12, 2). Por fim, Francisco nos convida a deixar o mundo melhor depois de nossa passagem por ele. Certamente a imagem de um Deus-garçom, pronto a atender nossos pedidos contrasta diametralmente com estas provocações do pontífice argentino.

Em resumo, quanto mais uma fé for madura, menos será cômoda e individualista, ao contrário, despertará o desejo e o empenho para que o mundo seja melhor, graças a ação de Deus e a colaboração humana.

## A fé, o tempo, a maturidade

Essas três realidades estão em plena sintonia. Nossa maturidade humana e nossa maturidade de fé necessitam de tempo, serão o fruto de uma vida provada, sofrida, celebrada. No dito de Terêncio (sec. II): “Sou um homem: nada do que é humano me é indiferente”.

Neste processo, a presença de alguém que possa acompanhar os passos é muito importante.

Faz falta uma pedagogia que introduza a pessoa passo a passo até chegar à plena apropriação do mistério. Para se chegar a um estado de maturidade, isto é, para que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis, é preciso dar tempo ao tempo, com uma paciência imensa (FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2013, n. 171).

Francisco nos recorda desse elemento fundamental na arte de acompanhar alguém em seu processo de maturação: a paciência, a longanimidade. Deixar que a pessoa seja ela mesma pode ser um ideal bonito de ser pensado e mesmo propagado, mas não é nada simples em termos práticos. Não raras vezes, interpretamos que a pessoa é mais ou menos madura na medida em que concorda, ou não, “comigo”.

## Um encontro que faz amadurecer

Há pessoas que nos ajudam no amadurecimento, querem nos ver indo para frente, nos incentivam, nos corrigem, mas, acima de tudo, estão conosco, do nosso lado. Na relação com Deus é a mesma coisa. Deus é essa pessoa que nos quer livres e felizes para crescermos e frutificarmos. Aqui, não há como não fazer referência ao convite



de Bernard Häring (1912 -1998) em seu livro sobre a renovação da Teologia Moral no pós-concílio: “Livres e fieis em Cristo”, era o título. Para ele, a liberdade e a fidelidade devem ser vividas de forma integrada: quanto mais livre sou, mais fiel sou, e vice-versa.

Bento XVI insistiu que este encontro com a pessoa de Jesus é o principal acontecimento da experiência cristã. Dizia ele: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (BENTO XVI, Deus Caritas Est, n. 1). A maturidade de fé passará por este encontro, sem o qual falaremos de ideias, de dogmas, de postulados metafísicos, mas não de algo que nossos olhos viram e nossas mãos apalparam (cf. 1Jo 1).

Nessa temática, Bento XVI alertava ainda que “o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida” (BENTO XVI, Spe Salvi, 2007, n.2). O Evangelho não tem a ver com conhecimento intelectual, mas é uma comunicação capaz de nos mudar, nos converter.

Francisco também pontuou a importância do encontro pessoal com Jesus:

Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de o procurar dia a dia sem cessar (FRANCISCO, Evangelii Gaudium, 2013 n. 3).

O documento de Aparecida a este respeito insistiu que o encontro com Jesus é que despertará o ardor missionário: “Em sua realidade social concreta, o discípulo tem a experiência do encontro com Jesus Cristo vivo, amadurece sua vocação cristã, descobre a riqueza e a graça de ser missionário e anuncia a Palavra com alegria” (DAp 167).

Finalmente, o mesmo documento diz algo muito significativo para nosso propósito aqui: Vive-se muito melhor quando temos liberdade interior para doar a vida, a qual “se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão” (DAp 360). No vocabulário da Vida Religiosa Consagrada conhecemos bem o termo “oblatividade”: conduta pela qual um indivíduo, ao renunciar ou sacrificar a si mesmo, prefere satisfazer as necessidades de outrem.

O documento final do Sínodo dos jovens, por sua vez, vincula a maturidade ao perdão e à misericórdia:





Quando a pessoa, graças ao perdão e à misericórdia, toma consciência dos obstáculos que a têm prisioneira, cresce em maturidade e pode comprometer-se, com maior lucidez, nas opções definitivas da vida. Numa perspectiva educacional, é importante ajudar os jovens a não desanimarem perante erros e falimentos, embora humilhantes, porque fazem parte integrante do caminho para uma liberdade mais madura, consciente da própria grandeza e fragilidade.<sup>5</sup>

## Palavras finais

De tudo o que foi rapidamente apresentado aqui, destacamos:

- Que assim como as frutas e verduras, não devemos ser maduros “demais”, como quem já chegou ao auge da vida e está pronto, mas pôr-se num processo de aprendizado constante, um eterno aprendiz.
- Que é preciso deixar o conforto das próprias comodidades para pôr-se no lugar dos outros. Descentrar-se do próprio umbigo por uma vida mais altruísta.
- Que Deus é um parceiro fundamental de nossas ações, mas que não resolverá os problemas do mundo sem a participação humana.
- Que podemos/devemos nos inspirar em pessoas maduras a nosso redor e ver como lidam com as dificuldades, a dor, os fracassos e os aplausos.

Por fim, saber que Deus mora em mim, mas que esta letra é minha.

### Para a reflexão

1. Em sua experiência, o que mais caracteriza uma pessoa amadurecida?
2. No relacionamento com Deus, que empecilhos percebemos para uma fé madura?
3. Que caminhos devemos tomar para ajudar as pessoas em seu processo de amadurecimento humano e de fé?

<sup>5</sup> Documento Final do Sínodo dos Bispos: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, 2018, n. 76.





## 66 **Referência bibliográfica**

ANCILLI, Ermanno e PONTIFÍCIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM (Orgs.) Dicionário de Espiritualidade, Vol. III, São Paulo, Paulinas, Loyola, 2012.

BENTO XVI, Deus Caritas Est, 2005.

BENTO XVI, Spe Salvi, 2007.

CELAM, Documento de Aparecida, 2007.

Documento Final do Sínodo dos Bispos, 2018.

FRANCISCO, Evangelii Gaudium, 2013.

FRANCISCO, Gaudete et Exsultate, 2018.

LEERS, Bernardino, Catolicismo Popular e Mundo Rural: Um Ensaio Pastoral. Petrópolis, Vozes, 1977.





# “AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL”

(ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS,  
ROMA, OUT/2019) - KAIRÓS: ALGO NOVO ESTÁ NASCENDO!

EQUIPE ITINERANTE DA REPAM<sup>1</sup>

No próximo outubro (2019), se realizará em Roma a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para refletir sobre “Amazônia: Novos

1 A Equipe Itinerante (EI) foi fundada pelo Pe. Claudio Perani SJ no ano 1998. Ele formulou a intuição: “Andem pela Amazônia e escutem atentamente o que o povo fala. Visitem as comunidades e aldeias, as organizações e Igrejas. Participem da vida cotidiana do povo. Anotem e registrem tudo cuidadosamente, com as próprias palavras do povo. Não se preocupem com os resultados, o Espírito irá mostrando o caminho. Coragem, comecem por onde possam!” A VISÃO da EI é Amazônica, territorial e conectada. Os rios e florestas nos conectam. Uma visão “desde dentro” – “não desde fora” –; é a partir das cosmovisões e perspectivas dos povos indígenas e tradicionais da região – não das lógicas externas impostas historicamente na região. Sua MISSÃO é geo-eco-política, como a define hoje a Encíclica Laudato Si: Cuidar da Casa Comum (geo) e do bem comum (bem viver – bem conviver) de todos os seres que nela habitam (eco-política). Sua organização é em REDE. A EI é um espaço interinstitucional de serviços missionários. Ela é em si mesma uma rede que somam distintas instituições e grupos para partilhar fé, vida e missão. Cada instituição ou grupo que participa da EI soma no mesmo plano de vida com recursos humanos, materiais e financeiros. Somar para chegar juntos onde sozinhos não podemos nem devemos, onde as feridas estão mais abertas e a vida mais ameaçada. Também a EI é uma rede que tece redes. Na atualidade a EI é parte e parceiro, junto com outras instituições e grupos, da REPAM (2014) e da sua Rede Itinerante que, aos poucos e entre todos, vamos tecendo como um serviço complementar aos outros serviços mais institucionais e inseridos da Missão da Igreja na Amazônia. É a partir desta experiência de mais de 20 anos itinerando pela Amazônia, na que tem participado mais de 150 pessoas de umas 40 instituições ou grupos diferentes, que queremos fazer nossa pequena contribuição com o rico e importante processo do Sínodo Especial sobre a Amazônia. Contatos da Equipe Itinerante: equipeitinerante.bolpebra@hotmail.com; equipeitinerante@gmail.com; ‘Raimunda Paixao’ <raimundapaixao87@gmail.com>; ‘Maria Gorete O.’ <gorete@hotmail.com>; ‘María del Mar Bosch’ <boschmarita@hotmail.com>; ‘neyvalente1’ <neyvalente1@hotmail.com>; ‘Andry Holanda Pereira’ <andrycoruja@hotmail.com>; ‘arizete miranda dinelly’ <arizete2013@gmail.com>; ‘Maria de Fátima Barbosa’ <mariadefatimabs2016@gmail.com>; ‘Carlos Romero’ <carromar22@hotmail.com>; ‘Joaninha H. Madeira’ <joahmadeira@hotmail.com>; izaiasflores8@gmail.com; ‘Maria Eugenia Lloris Aguado’ <genmilloris@gmail.com>; ‘Fernando López sj’ <jflopezperez@gmail.com>.





caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. É um acontecimento histórico sem precedentes de suma importância para a Missão da Igreja na Amazônia e no Mundo. “Sínodo quer dizer caminhar juntos, avançar em comunidade e na mesma direção para dar resposta a uma realidade muito importante para a Igreja” (Documento preparatório do Sínodo). Esse “caminhar juntos e em comunidade” na Amazônia – rede fluvial maior do mundo – poderíamos traduzir por “remar juntos” para “pescar em mutirão”.

O Papa Francisco inicia a primeira sessão do Sínodo escutando aos povos indígenas da Amazônia em Puerto Maldonado, Madre de Deus, Peru (19-01-2018). “Tenho desejado muito este encontro, quis começar por aqui a visita ao Peru”, lhes disse. Com uma presença profética e uma atitude de escuta profunda, o Papa acolhe a dor dos indígenas. Eles pedem a Francisco que os defenda. Assim o expressa energicamente Yesica Patiachi, do povo Harambut: “Lhe pedimos que nos defenda! Os que chegam de fora nos veem débeis e insistem em tirar de nós os nossos territórios de distintas formas. Se conseguem tirar nossas terras, poderemos desaparecer... Queremos que nossos filhos estudem, porém, não queremos que a escola apague nossas tradições, nossas línguas. Não queremos esquecer de nossa sabedoria ancestral”!

Francisco responde a este clamor denunciando profeticamente a situação de violência, que sofrem atualmente a Amazônia e seus povos indígenas, devido ao sistema econômico capitalista, depredador e “ecocida”, imposto na região: “Provavelmente os povos originários amazônicos nunca estiveram tão ameaçados nos seus territórios como estão agora. A Amazônia é terra disputada desde várias frentes: por uma parte, o neo-extratativismo e a forte pressão pelos grandes interesses econômicos que dirigem sua avidez sobre petróleo, gás, madeira, ouro, monocultivos agroindustriais”.

Na ocasião, o Papa denuncia particularmente a situação dramática dos mais vulneráveis, os Povos Indígenas em Isolamento Voluntário ou “Povos Indígenas Livres” (denominação do Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil): “Desta preocupação surge a opção primordial pela vida dos mais indefensos. Estou pensando nos povos a quem referem-se como «Povos Indígenas em Isolamento Voluntário» (PIAV). Sabemos que são os mais vulneráveis entre os vulneráveis. O espólio de épocas passadas lhes obrigou a isolar-se até de suas próprias etnias, empreenderam uma história de cativeiro nos lugares mais inacessíveis da floresta para





poder viver em liberdade. Continuem defendendo estes irmãos mais vulneráveis. Sua presença nos lembra que não podemos dispor dos bens comuns ao ritmo da avidez do consumo. É necessário que existam limites que nos ajudem a preservar-nos de toda tentativa de destruição massiva do hábitat que nos constitui”.

No meio desta situação crítica e sem precedentes, na que estão hoje os povos indígenas amazônicos, sopra com força o Espírito do Deus da Vida na Amazônia e em seus povos. Vivemos um tempo de Kairós Amazônico no meio de uma conjuntura eclesial e social muito difícil. É tempo de Kairós apesar da dolorosa situação eclesial, com todos os casos de abusos e pedofilia, que exigem uma radical conversão, uma urgente e profunda limpeza e purificação interna. Este tempo do Espírito se dá também no meio de toda essa difícil conjuntura político-econômica regional e global, onde a “ditadura do capital” e os extremismos se impõem, sejam de “direita” sejam de “esquerda”, por usar uma linguagem clássica. Como resultado a Política fica de joelho frente à “ditadura do capital”, perdendo-se o horizonte da ética e da honestidade, da justiça e da equidade, da busca do bem comum, do “bem viver – bem conviver” proposto pelos povos indígenas.

São vários os sinais do Espírito que, como sempre, irrompem desde as “periferias” geográficas, existenciais e simbólicas do mundo (não desde o “centro”). A Novidade, uma vez mais, nasce desde as “margens”, desde as “Galileias”, desde os “presépios”, desde a Amazônia e seus povos indígenas historicamente relegados, excluídos e explorados.

Por citar alguns elementos deste Kairós Amazônico que podemos identificar nestes últimos anos:

A eleição do próprio Papa Francisco (2013) é um sinal que marca um novo tempo eclesial. Uma Igreja que tenta voltar a ser pobre e simples, profética e audaz, que caminha com os “feridos” e “descartáveis”, uma Igreja “hospital de campanha”, com missionários e missionárias com “cheiro de ovelha” que lutam e arriscam por defendê-las dos “lobos”. Uma Igreja que volta a centrar-se no Evangelho de Jesus, no Reino de Amor e Justiça, no perdão e na misericórdia de Deus, no compromisso radical com os pobres e marginados, prediletos do Pai.

A Exortação Evangelii Gaudium (2013), recupera a dimensão missionária, uma “Igreja em saída”, desinstalada, que sai de sua zona de conforto, que é e gera “comunidade no caminho”, que vive uma “intimidade itinerante” e uma “comunhão missionária” (EG 23).





Outro sinal novo é a fundação da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM, Sep/2014) com seu lema, “Amazônia: Fonte de vida no coração da Igreja”. A REPAM propõe uma eclesiologia mais em rede. “O Reino dos Céus é como uma rede que se lança no mar para pescar” (Mt 13,47-50). A REPAM é como uma rede que se lança no rio Amazonas para pescar. A REPAM aponta para uma eclesiologia em rede, que articula três grandes redes complementarias e tecidas entre si: Rede Inserida, que articula as comunidades e aldeias inseridas pelos rios e florestas; Rede Interinstitucional, que tece as instituições eclesiais e outras parceiras, ao serviço da vida e dos povos; Rede Itinerante da REPAM, que visibiliza as realidades mais afastadas, tece “fronteiras” (geográficas e simbólicas), e costura instituições com inserções para cuidar e defender a vida onde ela está mais ferida e ameaçada.

Esta perspectiva eclesiológica em rede se apoia na colegialidade, catolicidade e universalidade, que acolhe e integra a diversidade das realidades locais que há no mundo, como fonte de vida e não como uma ameaça. Uma eclesiologia que integra a teologia da criação, a diversidade como princípio divino, como princípio teológico trinitário: “quanto mais diverso, mais divino”, sempre que a diversidade seja articulada na unidade e na complementariedade. Unidade na diversidade e complementariedade, não na uniformidade. Uma eclesiologia que se apoia e articula na teologia trinitária da unidade na diversidade das Três Pessoas Divinas; na unidade do corpo com diversos membros (1 Cor 12) e da unidade no Espírito dos diversos carismas (1 Cor 13). Uma eclesiologia tecida em rede, ao serviço da Vida Abundante (Jo 10,10), especialmente onde ela está mais ferida e ameaçada, junto aos pobres e excluídos, junto à Mãe Terra violentada e depredada.

A Encíclica “Laudato Si – sobre o cuidado da Casa Comum” (2015) dá um novo marco teológico-pastoral sólido, amplo e profético. Define a missão da Igreja no mundo como missão geopolítica na que somam todos os homens e mulheres de boa vontade que fazem a pergunta: “que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão crescendo”? (LS 160). É uma missão “geo” porque propõe cuidar da Casa Comum do Planeta; é uma missão “eco-política” porque cuida também do bem comum, “bem viver – bem conviver”, de todos os seres que habitam nessa Casa Comum.

Outro sinal do Espírito foi o encontro do Papa Francisco com os povos indígenas da Amazônia em Puerto Maldonado, Madre de Dios, na Amazônia Peruana (19-01-2018). O Papa escuta os indígenas. Não





celebra uma missa! Os indígenas lhe contam a situação em que vivem. Rezam cantando e dançando. Francisco se deixa enfeitar com um cocar e colares indígenas. Eles pedem-lhe, energicamente, que os defenda! O Papa os reconhece como interlocutores e mestres principais para que o Ocidente possa encontrar e apreender o caminho do cuidado da casa comum, do “bem viver – bem conviver”, como o vivem e expressam os próprios povos indígenas da Amazônia: “Eu vivo bem, se tu vives bem; tu e eu vivemos bem, se ele e ela vivem bem; nós vivemos bem, se as plantas, as árvores e a floresta toda vive bem; se o rio e os peixes vivem bem; se o ar e os pássaros vivem bem; se o sol, a lua e as estrelas vivem bem; se a chuva e o vento vivem bem; se o céu e a terra vivem bem; se os espíritos vivem bem; se todos os seres que habitam na Mãe Terra e no cosmos, com os que fazemos comunidade, vivem bem!” Esta sabedoria ancestral é urgente que a humanidade a recupere antes que pela violência e depredação imposta à Mãe Terra acabe rompendo o equilíbrio sistêmico do Planeta.

O Papa pede, explícita, particularmente, aos indígenas que ajudem aos seus bispos, missionários e missionárias a encontrar esse caminho de sabedoria e vida, de equilíbrio, reciprocidade e cuidado, de “Ecologia integral” (LS). Porém, será que os bispos, missionários e missionárias escutam e se deixam ajudar pelos irmãos e irmãs indígenas?

Francisco abre a primeira sessão do Sínodo da Amazônia ali mesmo, em Porto Maldonado, escutando e partilhando com os próprios povos indígenas. Todo um sinal profético e evangélico para o mundo!

O Sínodo da Amazônia se realizará em Roma (Out/2019) para “amazonizar” o mundo e o coração romano da Igreja. Realiza-se em Roma para ser alto-falante potente que denuncia ao mundo a violência que a Amazônia e seus povos sofrem devido ao atual sistema econômico capitalista imposto a partir dos países ricos e das grandes potências políticas e empórios econômicos. Porém, também Roma vai ser um potente alto-falante que anuncia a toda a Terra o dom da bio-sócio-diversidade Amazônica e de seus povos indígenas e tradicionais, que são os guardiões e cuidadores primordiais deste bioma fundamental, órgão vital, para o equilíbrio sistêmico do Planeta e o cuidado da vida de todos os seres que nele habitam.

Pouco a pouco, o processo sinodal vai ajudando a tomar maior consciência de que tudo está conectado e interligado, por isso, “uma selva sem a outra, não tem solução!” Se a Amazônia se depreda o



planeta quebra seu equilíbrio sistêmico comprometendo a vida das futuras gerações. Para que a Amazônia não se deprede os países ricos e poderosos do planeta tem que mudar de lógica, a humanidade toda tem que trocar de estilo de vida. Se a Amazônia é depredada é para saciar o consumismo desenfreado de outra parte da humanidade. Por isso, “uma selva sem a outra não tem solução”. Toda a humanidade, em todas as “selvas” – as tropicais e as de “asfalto e concreto” – devem unir forças para enfrentar as lógicas perversas depredadoras, consumistas e “ecocidas”. E assim, juntos, propor um paradigma de vida com base no cuidado e na reciprocidade, na austeridade e na simplicidade de vida, no “bem viver – bem conviver” como o apresentam as cosmovisões indígenas com sua “geo-eco-política”.

A Amazônia propõe para o Sínodo uma Igreja mais plural e diversa, judia com os judeus, grega com os gregos, europeia com os europeus, africana com os africanos, indígena com os indígenas, guarani com os guaranis, waorani com os waorani. Uma Igreja que dialogue de igual para igual com cada povo, para juntos discernir e fortalecer os planos de vida abundante, semeados desde sempre pelo Mistério, já presente nas suas realidades antes da Igreja chegar. Uma Igreja mais ministerial que reconheça os ministérios indígenas já existentes nas suas culturas e tradições; que reconheça os ministros e ministras casados e ordenados, etc. Uma Igreja em diálogo intercultural e inter-religioso com outras tradições espirituais e religiosas amazônicas, nas que Deus já está presente desde antes da chegada da Igreja (apenas 500 anos). Talvez este seja um dos maiores desafios: dialogar, de igual para igual, caminhar e aprender juntos sobre o Mistério de Deus que é sempre maior; aprender simples e humildemente com as outras experiências religiosas, místicas e espirituais dos povos indígenas e tradicionais da Amazônia sobre o Mistério de Deus com distintos nomes, Tupã, Omama, etc.

O Sínodo pode ajudar a Igreja e o mundo a encontrar novos caminhos de “desenvolvimento”: “Vocês falam em desmatar nossa terra-floresta para dar-nos dinheiro. Falam que somos carentes, porém, esse não é o desenvolvimento que conhecemos. Para nós, desenvolvimento é ter nossa terra com saúde, permitindo que nossos filhos vivam de forma saudável num lugar cheio de vida” (Davi Kopenawa Yanomami).

O processo sinodal já está animando e impulsionando a escuta e o aprendizado junto aos povos originários, sua vivência de “ecologia integral”, para cuidar da casa comum do Planeta e de todos os seres que nela habitam, como o vivem, comunitariamente, há milhares de





anos, os povos indígenas da Amazônia: “Na floresta, a Ecologia somos nós, os humanos; mais também os são igual que nós, os Espíritos, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol. Tudo o que vêm da existência da floresta, longe dos brancos; tudo o que todavia não tem cerca! A palavra da Ecologia são nossas antigas palavras (...); nascemos no centro da Ecologia e ali crescemos. Quando não tenha mais nenhum xapuri (xamã) que sustente os céus, eles vão desabar” (Davi Kopenawa Yanomami).

O Sínodo para a Amazônia se celebrará em Roma. Por quê? Ao celebrar-se em Roma, pretende-se colocar todas estas realidades amazônicas no centro da Igreja, no seu coração, “Amazônia: fonte de vida no coração da Igreja”, lembra-nos a REPAM com seu lema. Esta decisão é muito importante e estratégica, é profundamente evangélica. É voltar a colocar a centralidade da Igreja, seu coração, seu lugar de discernimento, conversão e decisão, na periferia, na margem. Temos consciência do que isto significa?

Por que a Amazônia e seus povos no centro, no coração da Igreja? Primeiro, porque Deus é assim, loucamente enamorado das periferias e de sua gente, no nosso caso, da Amazônia, de seus povos e de todos os seres que nela habitam. Mas também porque temos muito que aprender com a Amazônia e a sabedoria ancestral de seus povos: cuidado da casa comum como membros interligados de um mesmo Corpo-Casa Comum, unidade na diversidade (não na uniformidade), simplicidade e austeridade alegre de vida, somar e tecer rede, ser e viver em comunidade, dialogar com eles – sujeitos e interlocutores fundamentais – que vivem a Ecologia Integral como legado histórico e sapiencial de seus povos e culturas.

É urgente e necessário descentralizar a Igreja do eixo centro-europeu e dirigir a “barca de Pedro” para as outras margens onde o Ressuscitado nos espera e tem preparadas as brasas para assar e comer juntos os peixes que os próprios “povos das margens” pescaram (Jo 21). É preciso esta virada eclesiológica: aprender a remar junto com os povos indígenas e tradicionais de diferentes culturas do mundo; remar para as águas mais profundas e com eles aprender a jogar as redes para pescar; e juntos arrastar as redes até a praia, preparar as brasas e assar os peixes; e, por fim, juntos comer com eles os peixes que eles mesmos pescaram, e pescam até hoje, alimentando seus filhos e filhas de geração em geração. Juntos remar, jogar as redes, pescar, arrastar as redes, fazer as brasas e sentar-se com eles e elas para partilhar o peixe e a farinha, e tocar e receber a benção do Ressuscitado.





# “MOSTRA-ME, SENHOR, OS TEUS CAMINHOS”! (SL 25,4)

## VOCAÇÃO E DISCERNIMENTO

### O 4º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL

PE. GERALDO TADEU FURTADO, RCJ<sup>1</sup>

## O caminho da animação vocacional na Vida Religiosa Consagrada

“Então um disse ao outro: Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho”? (Lc 24, 32). A proposta metodológica desta reflexão sobre o 4º Congresso Vocacional do Brasil é se utilizar da metáfora do caminho a partir de algumas pontuações utilizadas em retiros espirituais sobre o texto bíblico de Lucas 24, 13–35, um tanto caro para a VRC, por isso o motivo da escolha em propor um texto bíblico que não está inserido no texto-base.

<sup>1</sup> Atualmente é Superior Provincial dos Rogacionistas. Membro da equipe de redação do IV Congresso Vocacional do Brasil (2019). Assessor do Instituto de Pastoral Vocacional (IPV). Dá assessorias na ótica vocacional a vários regionais da CNBB, dioceses, institutos religiosos e grupos afins. Autor da metodologia dos “Exercícios de Espiritualidade Vocacional” (EEV) tendo o apoio e incentivo do padre Amedeo Cencini durante o curso para formadores na Universidade Pontifícia Salesiana (UPS), de Roma, em 2003. Desde então tem orientado muitos retiros espirituais por todo o Brasil para várias congregações religiosas femininas e masculinas, junioristas, seminaristas e para o clero diocesano. Foi diretor da Revista Rogate (2011–2015) e mestre de Noviços (2016–2018). Endereço do autor: [gfurtado@rcj.org](mailto:gfurtado@rcj.org) – [www.rogacionistas.org.br](http://www.rogacionistas.org.br) – Tel.: (11) 3619-4200 – Cel.: (11) 9-7747-3861.





A ideia é dividir a reflexão em três momentos distintos: A primeira parte do caminho: “Ver” a caminhada da Pastoral Vocacional (Lc 24, 13 -24); A segunda parte do caminho: “Julgar” a realidade a partir da iluminação bíblica e teológica (Lc 24, 25-32); A terceira parte do caminho: “Agir”, as indicações para o caminho (Lc 24, 33-35).

Antes de tudo, devo salientar que não aprofundaremos a essência do conteúdo teológico do texto-base do 4º Congresso Vocacional porque não é esta a nossa pretensão, de fazer um estudo detalhado e sistemático, mas a proposta é nos sentirmos provocados e provocadas, no caminho, como vocacionados e vocacionadas. A expressão “vocacionados e vocacionadas”, colocada nesta reflexão, diz respeito a todos, desde aqueles que estão sendo acompanhados fora do Instituto, como também aqueles e aquelas que já ingressaram e estão na Vida Religiosa Consagrada. Enfim, desde a concepção somos vocacionados e vocacionadas do Pai!

Daqui a pouco a Igreja do Brasil celebrará o seu 4º Congresso Vocacional que será nos dias 05 a 08 de setembro de 2019, em Aparecida (SP). O caminho de preparação até chegar ao IV Congresso é bem longo e deve envolver todos os batizados e batizadas, enfim todas as vocações, pois, “todos os membros da Igreja, sem exceção, têm a graça e a responsabilidade do cuidado pelas vocações” (PDV, 41).

O 4º Congresso Vocacional do Brasil sob o tema: “Vocação e Discernimento” e o lema: “Mostra-me, Senhor os teus caminhos”! (Sl 25,4), tem incidência a partir dos três congressos vocacionais do Brasil (1999, 2005 e 2010), dos dois congressos vocacionais da América Latina e Caribe (1994 e 2011), e dos dois anos vocacionais do Brasil (1983 e 2003). Um longo caminho até aqui, por isso devemos nos perguntar: E o nosso “coração” vocacional, como está? É imperativo nos levantarmos e voltarmos... pois a Jerusalém (Cf.: Lc 24, 33-35) das nossas realidades vocacionais nos aguarda para que descubramos novas formas de fazer animação vocacional.

A Vida Religiosa Consagrada no Brasil vem aprofundando a sua reflexão acerca deste importante tema “Vocação e Discernimento” e se pergunta frequentemente pelo “caminho” da animação vocacional no interior de suas comunidades religiosas, na vida fraterna em comunidade, nas atividades pastorais em todos os âmbitos, nas suas diferentes articulações, porque “os vocacionados e vocacionadas de hoje esperam ver nos religiosos e religiosas consagrados a alegria “verdadeira” da sua escolha para servir o Senhor e os irmãos e irmãs”. (Cf.: VC 109).



Deixar transparecer a própria alegria da consagração na comunidade religiosa e eclesial, no apostolado socioeducativo a partir do desenvolvimento de um trabalho pedagógico de cunho vocacional e na missão, entendida como missionariedade da animação vocacional, cuja responsabilidade não se restringe a apenas despertar os vocacionados e vocacionadas para o chamado, mas motivá-los para que concretizem a resposta exigirá da VRC o enfrentamento da sua própria realidade. Pois, ainda permanecem muitas “cegueiras” pelo caminho (Lc 24, 16). Falamos do enfrentamento de “uma crise vocacional sem precedentes da qual a VRC se encontra mergulhada” (Cf. CASTILHO, José Maria. O futuro da vida religiosa, São Paulo: Paulus, 2004, p. 7). Os vocacionados e vocacionadas de hoje estão mais conectados e percebem muitas incoerências no interior das comunidades religiosas, particularmente quando alguns grupos da VRC dão maior ênfase ao econômico, colocando-o em primeiro plano e abandonando os projetos de vida comunitária e pessoal, deixando a vida espiritual à mercê de um “deserto inóspito de fé” (Bento XVI), esquecendo-se da opção pelos pequenos e pobres ou apelando ao autoritarismo e conservadorismo. O outro motivo, dentre tantos, desta crise vocacional sem precedentes é a da contradição em relação aos Votos Religiosos, da falta de coerência e de testemunho na vivência dos Conselhos Evangélicos. É urgente vencer a “cegueira” no caminho e responder a pergunta: “O que é que vocês andam conversando pelo caminho”? (Lc 24, 16-17)

## PRIMEIRA PARTE (Lc 24, 13-24)

### Ver a realidade - o início do caminho (Lc 24, 13-16)

O texto de Emaús relata a experiência dos discípulos que foi de derrota e perda, o que causou uma “fuga” dolorida, uma crise vocacional sem precedentes. Os discípulos vocacionados de Emaús decidiram fugir daquele lugar de morte e desespero. Os versículos 13 e 14 revelam a saída para um caminho que os levou até Emaús, mas que também os reconduziu “ao primeiro amor” (Santo Agostinho). Eles estão retornando para Emaús cheios de medo e incertezas, como dois derrotados e envergonhados, envolvidos por uma nuvem de melancolia, revolta, tristeza, lamentações e justificativas da falta de tempo em função do





ativismo exacerbado ou da falta de motivação e perda das falsas expectativas que alimentaram no início, durante o acompanhamento vocacional até o ingresso no grupo dos seguidores e seguidoras de Jesus.

Uma releitura da realidade vocacional na VRC poderá abrir os olhos da fé para uma nova ressurreição, pois, os caminhos, por mais duros e pedregosos que sejam, são também caminhos das flores, das alegrias e realizações, dos bonitos e verdadeiros testemunhos para os vocacionados e vocacionadas de hoje.

Neste percurso proposto, veremos que o caminho continuará a ser *longo no início* (Cf.: Lc 24, 13–24) e os desafios ainda prevalecerão, pois, como Vida Religiosa Consagrada, vemos concretamente a experiência de Emaús se fizermos uma profunda análise da realidade vocacional no interior de nossos Institutos Religiosos recordando que no início do caminho “*eles conversavam a respeito de tudo o que tinha acontecido*” (Lc 24, 15) reconheceram as “cegueiras” identificadas ao longo do percurso.

No trabalho vocacional, também estamos caminhando e discutindo sobre *os acontecimentos dos últimos dias*, sobre as “cegueiras” na caminhada da Pastoral Vocacional da VRC.

- **Quais os maiores desafios que ainda prevalecem?**
- **Quais as “cegueiras” que necessitam ser enfrentadas e vencidas?**

### **Ver a realidade - rumo ao 4º Congresso Vocacional do Brasil**

O 4º Congresso Vocacional do Brasil através das temáticas que estão sendo aprofundadas traz vários desafios a serem enfrentados no âmbito antropológico, que são os fenômenos da secularização e da perda do sagrado; a visão do ser humano distante de uma antropologia vocacional que culmina na vulnerabilidade de valores constitutivos de unidade, fidelidade, indissolubilidade e fecundidade; família, sua vocação e missão; a falsa concepção de liberdade; leis que ameaçam a vida humana desde a concepção até o seu acaso; a cultura do descartável e da provisoriedade que mutila homens e mulheres que clamam por humanização e cuidado com todas as coisas vivas do planeta; a defesa da dignidade humana, a busca de sentido e de valor das pessoas e das relações. (Cf.: CNBB: Texto-base, pp. 13 a 17).



No âmbito econômico destacam-se as várias crises, crises estas que nos atingem e fazem repensar nosso estilo de Vida Religiosa Consagrada, o nosso estilo de fazer pastoral, de dar novas respostas às novas formas de pobreza. A questão das novas periferias geográficas e existenciais; a escuta ao grito dos pobres e o clamor das juventudes. O desafio do anúncio e testemunho vocacional como “Evangelho” da liberdade e da gratuidade em contraposição ao laxismo e a uma difusa indiferença pelas práticas religiosas e a vida sacramental; a crise vocacional acentuada ou crise de fé? (Cf.: CNBB: Texto-base, p. 18).

Enfim, no âmbito eclesial ouvimos o apelo do Papa Francisco para que nos empenhemos na “nova evangelização”, no anúncio do Evangelho a todos, em todos os lugares, a convocação para uma “Igreja em saída”, uma pastoral essencialmente missionária. (DGAE 2015-2019, nº 30). Nesta perspectiva, a pastoral vocacional se torna prioritária no processo de evangelização, um serviço de animação vocacional “em saída”, cujo compromisso é “reler e encarnar o Evangelho na história de hoje, mostrando a verdade de que acompanhar uma pessoa na descoberta de sua vocação significa, na realidade, promovê-la na sua inteira humanidade, evangelizar plenamente”. No processo de evangelização, o anúncio aos vocacionados e vocacionadas passa pelo crivo do “testemunho de uma vida credível e entusiasta”. E ainda diz o texto-base: Somos convidados a trabalhar para que, na cultura e na sociedade de hoje, se consolide sempre mais uma antropologia vocacional na qual todos possam realizar-se segundo o projeto de Deus. (Cf.: CNBB: Texto-base, p. 19 e 21).

**Uma antropologia vocacional?** Sim! Pois, a vocação, mistério divino insondável, cujo único protagonista é Deus, não é uma coisa abstrata, vivida de forma intimista e individualista, ou *cega* (Lc 24, 16), mas é uma resposta que acontece a partir da realidade concreta e existencial dos vocacionados e vocacionadas, muitas vezes esmagados pela opressão (cf. Ex 3, 7-10). *Opressão* compreendida como aquelas situações da condição humana a que todos estão sujeitos. Portanto, aqueles e aquelas que exercem responsabilidades nos seus Institutos de VRC tem a missão de ajudar os vocacionados e vocacionadas, seus irmãos e irmãs a *sáírem da opressão*. (cf. Ex 3, 10). Este é o objetivo! Eles e elas que já estão em nossos Institutos de VRC ou que desejam entrar necessitam ser ouvidos e têm a legitimidade sagrada de fazer questionamentos do coração humano. “Esses questionamentos que ultrapassam a pessoa não são uma ‘anomalia da natureza’”. (**MADRE,**





Philippe, Vinde e vede! O chamado de Deus e o discernimento vocacional, Paulinas, São Paulo: 2011, p. 12). Mas, os questionamentos do coração e da mente exigem respostas humanas, espirituais, morais, éticas, intelectuais, físicas, psíquicas e psicológicas. São alguns indicativos para o exercício do ministério da orientação e direção.

## Ver a realidade - o diálogo pelo caminho (Lc 24, 17-24)

No relato do encontro com o Ressuscitado a caminho de Emaús (Lc 24, 15-24), os dois verbos, “aproximar” e “caminhar” são usados logo no início, sendo Jesus o sujeito das duas ações. “*O que vocês estão conversando pelo caminho*”? (Lc 24, 15). Ele se aproxima, ouve, provoca, pergunta e continua caminhando com eles. Sua presença vai fazendo muito bem para os discípulos vocacionados, pois gera neles segurança, sensação de prazer, uma amizade contagiante. “Um Deus que fala” – “Deus em diálogo com a pessoa” (Cf.: *Verbum Domini*, pp. 15 e 48). É o *processo de iniciação*, de intimidade com o transcendente, do despertar da fé, indispensável para o acolhimento do chamado. Sem a fé, ao mesmo tempo sem a escuta e a entrega ao longo do caminho, torna-se praticamente impossível prosseguir. É necessário dar passo a passo para entender o apelo divino através da fé que, por sua vez, está diretamente relacionada com o processo de conversão, de transformação rumo a uma nova vida que faz o coração “pegar fogo” (Lc 24, 32).

A vocação como estamos vendo é um processo dialógico no qual os discípulos vocacionados “falam” abertamente sobre os acontecimentos dos últimos dias em Jerusalém (Lc 24, 19b-24). Vemos, ao mesmo tempo, um apelo sobre os “desafios e avanços” destes “acontecimentos” da caminhada vocacional. Os discípulos vocacionados, ao passarem pelos “exercícios de espiritualidade vocacional”, fazem um resgate de suas histórias de vida e rezam a própria vocação.

## Ver a realidade – o resgate da memória dos últimos acontecimentos

O 4º Congresso Vocacional do Brasil pretende ser uma resposta ao apelo do Papa Francisco e da Igreja, para tentar responder aos muitos desafios antropológicos e culturais que marcam a identidade e missão como Igreja, conforme lemos na primeira parte do texto-base. E estes muitos desafios somente serão respondidos se houver a coragem



da resposta à pergunta: **“De que assunto falais pelo caminho”?** (Lc 24,17). É o “resgate da memória” parafraseando Baquero: “Como resgatar o passado, integrar o presente e o futuro”? (Cf. V. Baquero, Loyola, 2005). É necessário rever o caminho realizado até aqui, os pequenos e grandes eventos, as conquistas e derrotas, as decepções, os medos e as fugas, mas também e, principalmente, os sonhos ainda não realizados e as grandes esperanças (Lc 24, 21–24). Victoriano Baquero escreve: “O resgate do passado é uma tarefa necessária para a evolução sadia da personalidade, mas tão necessário quanto esse resgate é aprender modos de interagir o presente e o passado próximo. É na base do resgate do passado e da integração do presente que poderemos fincar as estacas seguras de um futuro alviseiro”. (Baquero, Loyola, São Paulo: 2005, p. 08). Em analogia, o 4º Congresso Vocacional faz esta memória de alguns importantes acontecimentos vocacionais no âmbito mundial, continental e nacional da caminhada vocacional da Igreja (Cf.: CNBB: Texto-base, pp. 22 a 31).

A leitura deste resgate do passado histórico da caminhada vocacional até o presente integra elementos pertinentes, desafios e avanços, esperanças e sonhos para o serviço de animação vocacional que se relacionam ao tema do 4º Congresso: “Vocação e Discernimento”, a saber: a preocupação com o itinerário vocacional; a necessidade de um olhar mais atento sobre o próprio processo vocacional (discernimento e acompanhamento); motivações dos vocacionados e vocacionadas que levam a assumir e viver a fé e a vocação; a questão da quantidade *versus* qualidade; resgate da grande vocação à vida e a valorização da pessoa na sua dimensão antropológica; uma pastoral vocacional inculturada, dialogal, profética e ecumênica; questões do celibato e castidade, de gênero, da afetividade e sexualidade, da homossexualidade; testemunho coerente e transparente; mística profunda a partir de um processo de inculturação mais adequado às juventudes. (Cf.: CNBB: Texto-base, pp. 32 a 34).

Insistiu-se ainda, ao longo do caminho percorrido desde o 1º Congresso Vocacional do Brasil (1999) a questão do Itinerário Vocacional (despertar, discernir, cultivar e acompanhar). Foram indicadas, também, “ações e estratégias” que envolvessem a comunidade no processo de discernimento vocacional e do acompanhamento personalizado e grupal dos vocacionados e vocacionadas em suas famílias e comunidades; o tema das equipes de animação vocacional. O 2º Congresso (2005) resgatou novamente temáticas já debatidas anteriormente e reforçou a questão da antropologia da vocação, do itinerário vocacional; opções vocacionais,





teologia da vocação, metodologia e planejamento. Este 2º Congresso debateu o desafio das atuais “praças vocacionais” onde encontramos os vocacionados e vocacionadas que devem ser “convidados a trabalhar na Vinha do Senhor” (Cf.: Mt 20, 1-14). Destacam-se indicações bem concretas ao itinerário das vocações específicas: cristãos leigos e leigas, pessoas da Vida Consagrada, vida presbiteral e diaconato permanente. Ao longo do caminho é preciso valorizar todas as vocações específicas a exemplo dos discípulos de Emaús, que mesmo duvidosos e em crise vocacional consideraram a todos, vocacionados e vocacionadas (Cf.: Lc 24, 22-24). (Cf.: CNBB: Texto-base, pp. 35 a 37)

Em suma, neste caminho percorrido, ao resgatar os “acontecimentos dos últimos dias” (Lc 24, 19-24) os discípulos vocacionados de Emaús, por não compreenderem a significância e implicância do “seguimento de Jesus”, necessitaram passar por um “processo de crescimento e amadurecimento na fé”. É a “teologia do discipulado e da missão” que o 3º Congresso Vocacional (2010) indicou como dimensões mais importantes para a animação vocacional do Brasil como, por exemplo, sua identidade e missão; a promoção da cultura vocacional; a ação evangelizadora; o lugar da oração e a importância da espiritualidade; a formação inicial e permanente; a dimensão vocacional das pastorais; a metodologia e o planejamento. Novamente, indicações sobre o itinerário vocacional e para concluir o resgate desta longa memória dos “acontecimentos dos últimos dias em Jerusalém” (Lc 24, 19-24) vemos no âmbito latino-americano os dois Congressos Continentais de 1994 e de 2011, Brasil e Costa Rica, respectivamente. As temáticas contemplaram indicações para integrar a pastoral vocacional e juvenil; a proposta de um itinerário vocacional para a formação juvenil e outros temas como, por exemplo, teologia da pastoral vocacional, sua identidade e os aspectos psicológicos do discernimento (Cf. 1º Congresso Continental de Vocações, Itaici, Brasil, 1994). O 2º Congresso Continental Latino-americano de vocações resgatou “Aparecida” ao recordar que fomos chamados a ser “discípulos missionários” em razão do batismo. Ou seja, a Pastoral Vocacional é aquela que “acompanha cuidadosamente todos que o Senhor chama a servir a Igreja no sacerdócio, na vida consagrada ou no estado de leigo”. “A PV tem por finalidade ajudar a descobrir o sentido da vida e o projeto que Deus tem para cada um...” (Cf.: DAp. nº 314 e 278).

Este Congresso insistiu que toda ação vocacional se fundamente no encontro pessoal com Jesus Cristo. O Documento Conclusivo concentrou sua atenção sobre a concretização de uma Cultura Vocacional





e em resposta ao *Documento de Aparecida* e à Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* do Papa emérito Bento XVI propôs um método bíblico-vocacional inspirado nos quatro passos da *Lectio Divina* e nas quatro imagens da Palavra, do mapa espiritual proposto pelos padres Sinodais (cf.: Sínodo sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, 2008). Este 2º Congresso Continental (Cf. Documento Conclusivo: 2º Congresso Continental Latino americano de Vocações, Edições CNBB, 2012) apresentou ainda orientações pastorais sobre o Caminho da Palavra que ressoa, hoje, o lema do 4º Congresso Vocacional do Brasil: “Mostra-me, Senhor, os teus caminhos” (Sl 24,5). (Cf.: CNBB: Texto-base, pp. 35 a 40). Este é o apelo dos discípulos missionários que ao longo do caminho fazem o processo de discernimento vocacional. Agora é a hora da escuta, do *processo de iniciação*, do confronto com a Palavra – da *Lectio Divina*.

## SEGUNDA PARTE (Lc 24, 25-32)

### Julgar a realidade - o encontro com a Palavra (Lc 24, 25-27)

Na primeira parte do caminho os discípulos falaram abertamente e com toda simplicidade (Lc 24, 19-24). É surpreendente o número de palavras empregadas pelos discípulos. Este diálogo, através das palavras, nós chamamos de “Oração Vocal” – “É por palavras, mentais ou vocais, que a nossa oração cresce. Mas o mais importante é a presença do coração àquele a quem falamos na oração”. (Cf.: Catecismo da Igreja Católica, 2.700, p.606). É o exercício de busca que os discípulos vocacionados fizeram em seu processo de discernimento vocacional, busca que os levou ao encontro e confronto pessoal com a Palavra (Lc 24, 25-27). Era necessário o confronto para se confirmar a autenticidade do chamado, para avaliar a fidelidade dos discípulos à proposta da Palavra. A pressa e a perda da esperança por parte destes discípulos vocacionados em não esperar o tempo da passagem da “cruz para a Ressurreição” (Lc 24, 20-21) os levou a se revestirem de equívocos, cegueiras e ambivalências. Uma crise vocacional sem precedentes! Perderam as motivações vocacionais e chegaram a conclusões falsas e ilusórias, que mais tarde terminaram em desespero e fuga. “O desespero é sem dúvida a forma mais terrível de fuga preliminar” (MADRE, Philippe, Vinde e vede! O chamado de Deus e o discernimento vocacional, Paulinas, São Paulo:





2011, p. 13). Desacreditados da vocação, eles prosseguiram o caminho numa prolongada reflexão que os levou à decisão insistente (Lc 24, 29). É insistir na oração: “Mostra-me, Senhor, os teus caminhos” (Sl 24, 5).

Para acordá-los e tira-los do fechamento num rígido esquema de interpretação da realidade, das resistências pessoais e mergulhados em suas frustrações vocacionais, Jesus recorre à terapia de choque “Ó insensatos... sem inteligência, como vosso coração é lento para crer...” (Lc 24, 25). Repreensão dura, dirigida também a cada um de nós, vocacionados e vocacionadas da VRC. Não bastava ter tido alguns encontros com o Senhor. Não basta ter seguido o Mestre por algum tempo. Era preciso ir até o fim, ter perseverança e convencer-se da necessidade de passar pela experiência da cruz. Ele abre a inteligência deles, explica-lhes a Escritura. Primeiro Jesus fez perguntas e escutou atento ao que diziam, depois fez direção, orientação bíblica – vocacional, deu-lhes formação. O método pedagógico do Ressuscitado é o diálogo entre o mestre e os discípulos vocacionados. Estes vocacionados são interlocutores e não simplesmente destinatários de uma mensagem vocacional.

Como já dizemos, nesta segunda etapa do caminho Jesus fez catequese bíblica com os discípulos vocacionados de Emaús (Lc 24, 25–27). A Palavra de Deus (*Lectio Divina*) ajuda e prepara aqueles que estão em busca de discernimento. É necessário fazer “arder”, “pegar fogo” o coração (Cf.: Lc 24, 32) dos discípulos neste caminho que os conduz à experiência que os leva ao discernimento e os coloca frente a frente com o projeto de vida (Cf.: Jo 14, 6).

É o momento de considerar a centralidade da pessoa de Jesus Cristo, o diálogo vocacional e o encontro que transforma a vida, faz o “coração pegar fogo de amor” (Lc 24, 32), mesmo num momento de perturbação do coração (Jo 14, 1), pois Jesus é “o caminho, a verdade e a vida” (14, 6). A proposta do 4º Congresso Vocacional é a *Lectio Divina* do texto de João 14, 1–11. (Cf.: CNBB: Texto-base, p. 42).

## Julgar a realidade - a superação da “noite” (Lc 24, 28-29a)

Os discípulos vocacionados são chamados a superarem as tribulações (Jo 14, 1), a vencerem o medo das “noites escuras” de suas vidas e delas extraírem o maior bem que vem de Deus. “Noite escura” em São João da Cruz é nada mais do que o “crisol do amor”. Na VRC nos defrontamos com tribulações e “noites escuras” que tem desafiado as relações da vida





fraterna em comunidade, tem diminuído as vocações, tem causado muito cansaço e despertado o ativismo como um escape e fuga da realidade. Destaque para a falta de uma espiritualidade sólida e a crise de fé por parte de muitos consagrados e consagradas que enfrentam “noites escuras” em suas vidas. Estes vocacionados e vocacionadas devem insistir: “Fica conosco, Senhor, já é tarde e a noite vem chegando” (Lc 24, 28-29a).

No texto bíblico de Emaús, vemos que aos poucos os discípulos vocacionados foram recuperando suas forças porque alguém estava interessado no problema deles e, por isso, fez “arder os corações” endurecidos (processo de conversão). Eles se sentiram motivados e entusiasmados a convidar o amigo a ficar com eles: “Fica conosco, Senhor...” (Lc 24, 28-29a). No Itinerário Vocacional esta é a etapa do cultivo. Sem encanto e sentido de pertença, teremos comunidades religiosas de vida consagrada feitas de pessoas frias, inertes e incapazes de contagiar positivamente. *Lugar onde vivem e não se conhecem, coabitam e não se amam, morrem e não tem quem chore por elas* parafraseando o filósofo Voltarie. Sem cultivo e encanto, teremos pessoas consagradas distantes, medrosas e inseguras. E a vida religiosa consagrada não pode perder o encanto como um dos requisitos básicos e indispensáveis na vida fraterna em comunidade, nas atividades do apostolado e da animação vocacional. A responsabilidade do cultivo de todos por um e de cada um por todos é fundamental, acompanhado dos pequenos gestos de gentileza, ternura, hospitalidade, solidariedade, misericórdia e caridade nas relações interpessoais.

Os discípulos vocacionados de Emaús vão sendo cultivados mesmo diante das tribulações e perturbações do caminho, cujo objetivo primordial é a fé e a adesão à pessoa de Jesus.

### **Julgar a realidade – a proposta de Lectio Divina (Jo 14, 1-11)**

É o convite de Jesus aos vocacionados e vocacionadas chamados a superarem as tribulações, as “noites escuras” de suas vidas e aprofundarem a fé em sua pessoa e no Pai. A Palavra de Deus tem uma dimensão vocacional que, por si mesma, chama, pois age, de um modo eficaz, no coração daqueles que acolhem e neste sentido podemos falar de uma “pedagogia do encontro”, cuja centralidade é Jesus Cristo. A Casa do Pai é o lugar dos vocacionados e vocacionadas de Jesus. “Na casa de meu Pai há muitas moradas...” (Jo 14, 2). A Casa do Pai com muitas moradas não é apenas uma indicação do futuro onde todos estarão juntos de Deus. Esta expressão assinala a bondade, a misericórdia e a gratuidade do Pai em





relação aos vocacionados seguidores do Filho. Indica ainda a comunidade dos seguidores de Jesus – a Igreja. A metáfora da *casa* é relacionada à ideia de intimidade e familiaridade entre Jesus e seus discípulos vocacionados que são conduzidos à *koinonia* (Lc 24, 29b-32). Essa realidade escatológica é experimentada ou antecipada dentro dos limites da história humana, pelo caminho de *iniciação* que os discípulos vocacionados fizeram em torno de Jesus. Um caminho de maturidade de fé, de adesão incondicional à pessoa de Jesus. A *Lectio Divina* proposta pelo texto-base do 4º Congresso Vocacional é um convite a colocar-se a caminho num processo de amadurecimento da fé e discernimento vocacional para que os vocacionados e vocacionadas continuem a obra de Jesus ressuscitado (Jo 14, 12-14). Tomé, Filipe e milhões de outras pessoas vocacionadas encontraram Jesus. **E nós, vocacionados e vocacionadas da VRC, já encontramos Jesus?** (Cf.: CNBB: Texto-base, pp. 44-55).

## Julgar a realidade – a *koinonia* (Lc 24, 29b-32) – a “Casa da Iniciação à Vida Cristã” – a “Cultura Vocacional”

É na comunhão fraterna, pelo encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo que se pode fazer o coração arder de compaixão pela messe abandonada como ovelhas sem pastor. É da compaixão que brota a oração pelas vocações e se manifesta a urgência da missão (Mt 9, 35-38), e a missão exige o anúncio da pessoa de Jesus Cristo.

A casa de Emaús em lugar de fuga e fechamento se transformou num lugar de acolhida, partilha e comunhão fraterna. O gesto de entrar para ficar com eles significou não apenas estar perto ao longo de um trecho do caminho, mas realmente percorrê-lo junto, partilhando. Jesus assume a responsabilidade de acompanhar a fé dos discípulos vocacionados e torna-se o diretor espiritual deles. Quem acompanha os vocacionados e vocacionadas não pode ser uma pessoa bloqueada, de difícil acesso. Quem acompanha torna-se o Cristo na vida dos vocacionados e vocacionadas e nada motiva tanto uma comunidade quando suas lideranças são testemunhas da unidade.

As metáforas do *caminho* e da *casa* se entrelaçam nos textos de Lucas 24, 29b-30 e de João 14, 2. A imagem da “Casa”, numa concepção paulina é um lugar estável onde a família se reúne para a oração, a partilha do pão e a caridade. Dentro deste conceito paulino, a casa é, antes de tudo, *Igreja Doméstica* – “comunidade de comunidades” (cf. Documentos da CNBB, 100, edições CNBB, nº 99, p. 51).



No entanto, os vocacionados e vocacionadas devem ser ajudados para “desenvolverem um justo sentido de Igreja” – Casa da *Palavra* e da *Koinonia* – o sinal visível de uma “comunidade de onde nasce a vocação” (Cf.: CNBB: Texto-base, pp. 63–64). A casa dos vocacionados e vocacionadas é Casa de oração e partilha, é comunidade vocacionada, ministerial e servidora que conduza todos os vocacionados e vocacionadas a “rever o caminho, redescobrir novas formas e expressões de espiritualidade... uma identidade discipular e missionária que ajude a recuperar o profetismo e sua atração” (cf.: Documentos da CNBB, 100, pp. 37 e 38).

O tempo dos vocacionados e vocacionadas é agora, na comunidade que reza, que partilha o pão, que testemunha e que atrai outros para o seguimento. Isto implica numa sensibilidade pastoral que tenha como sustento da fé o pão eucarístico que leve os vocacionados e vocacionadas ao encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, o crucificado ressuscitado que se fez pão fracionado, alimento comunitário para a caminhada de fé guiada pela Palavra e manifestada no impulso da missão. Nas palavras exortativas do Papa Francisco para todos os religiosos consagrados é a de que a VRC precisa “sair do ninho” (Cf.: Colloquio di Papa Francesco com il Superiore Generali, in: *La Civiltà Cattolica*, 165 (2014/I), 10). É o imperativo missionário com que terminava a missa em latim: “Ite missa est”. É o “levantar e voltar” correndo “para Jerusalém” (Lc 24, 33).

O 4º Congresso Vocacional vai falar da “Casa da Iniciação à Vida Cristã” e vai propor a “Cultura Vocacional” seguindo o caminho que a Igreja já está percorrendo há algum tempo. Aprofundará a necessidade do contínuo movimento de descida ao complexo chão da realidade, no qual a experiência de fé cristã se encontra hoje. Descer à realidade para ‘ver e escutar’ (Ex 3, 7–10) a pluralidade das juventudes. É necessário, pois, assumir e viver a vocação cristã a partir de uma consciência vocacional ou cultura vocacional. A base sobre a qual desabrocha a cultura vocacional firma-se na experiência, mediada pela fé, no encontro com Deus, na e para a missão. A Iniciação à Vida Cristã é o processo a ser conduzido para dentro do mistério amoroso do Pai e de ser inserido na comunidade eclesial, para professar, celebrar e testemunhar a fé (Lc 24, 33–35) em Jesus Cristo, no Espírito Santo”. “Os processos de ‘Iniciação à Vida Cristã’ e, por consequência, vocacionais supõem uma Igreja em estado permanente de missão...”. “A Igreja torna-se lugar da comunhão e da participação... comunidade viva dos discípulos de Jesus Cristo”. (Cf.: CNBB: Texto-base, pp. 64–69).





## TERCEIRA PARTE (Lc 24, 33-35)

87

### Agir a partir da realidade - a missão dos discípulos vocacionados

Houve uma experiência, um caminho progressivo. Os discípulos vocacionados de Emaús, após fazerem esta experiência alcançaram a maturidade que culminou na abertura dos olhos, sinal da fé na Ressurreição de Jesus. Agora eles compreenderam os acontecimentos de Jerusalém, a vida e a mensagem de Jesus que fez o coração *pegar fogo* (cf. Lc 24,32). As palavras de Jesus ao longo do caminho haviam fascinado e incendiado o coração daqueles discípulos vocacionados. Jesus toca o coração deles que são agora testemunhas da ressurreição (cf. Lc 24,34-35).

“Eles se levantaram e voltaram” correndo para Jerusalém (Lc 24, 33-35). Os olhos dos discípulos se abriram e os corações deles estavam ardendo. Voltaram correndo... a pressa em ser discípulos missionários de Jesus Cristo. O *Ite missa est*. “Jerusalém”, lugar onde a missão e o profetismo começam e se espalham.

Entraram na casa onde estavam os onze, com outros companheiros. Mas, antes de começarem a falar, os onze antecipam-se gritando: “É verdade! O Senhor ressurgiu e apareceu a Simão”! (Lc 24, 34). O encontro com o Ressuscitado quer significar o encontro de cada vocacionado e vocacionada com Ele. É experiência única e que deve ser partilhada e testemunhada na comunidade.

Os discípulos vocacionados de Emaús fizeram o seu propósito, alcançaram o seu projeto de vida e entenderam que o chamado de Deus exige passar pela experiência da cruz para alcançar a plenitude da Ressurreição. E agora?

Agora é o momento do “agir” e na terceira parte do texto-base do 4º Congresso Vocacional encontraremos as indicações para um caminho de discernimento vocacional pontuando os fundamentos, os desafios no processo de discernimento vocacional, os lugares da direção espiritual, a pedagogia e a metodologia vocacional, o processo da *iniciação à vida cristã*, a vocação e missão da família, a identidade e missão da pastoral vocacional e, por fim, o projeto pessoal de vida (PPV). (Cf.: CNBB: Texto-base, pp. 71-85).





Eis a pergunta de sempre: **Como podemos concretizar o serviço de animação vocacional no contexto atual?** Antes de tudo, não temos e nem devemos ter a pretensão de respostas prontas, direcionadas ou parciais para perguntas que exigem de nós o permanente discernimento para definir as coisas nos seus próprios limites, examinar a fundo, interpretar adequadamente. Esta pergunta supracitada é uma das perguntas que mais tenho ouvido nos últimos quinze anos de assessorias e orientações de retiros por todo o Brasil. **O que fazer e como fazer animação vocacional?**

Certamente que aqui entendemos o papel da Vida Religiosa Consagrada e da Igreja como um todo, até porque os espaços de atuação vocacional e a credibilidade da Igreja está sofrida. Mas, nem por isso, podemos nos somar ao coro dos lamentosos, pois, ainda temos referenciais vocacionais, profetas e profetizas dos nossos tempos que despertam o coração e a mente das novas gerações de vocacionados e vocacionadas. São muitos os anônimos, homens e mulheres consagrados que dão testemunho de vida e vivem intensamente a fé e a vocação.

A questão vocacional, a animação das vocações começa no interior das comunidades religiosas e o *Itinerário vocacional* começa desde a concepção, no batismo, perdura por todo o sempre. Ou seja, tenho afirmado nos últimos anos que é imperativo que a VRC continue aprofundando a questão do itinerário vocacional, particularmente a dimensão escatológica da vocação. Alegrou-me ter lido o artigo da Irmã Nilva Rosin, no número 518, desta Revista, em que a autora aborda o tema do “envelhecimento saudável e da longevidade com qualidade de vida” na VRC. Sem dúvidas que esta temática trata de uma questão vocacional pertinente e que deve prosseguir como um apelo ao serviço de animação vocacional.

A temática da vocação a partir de uma teologia que fundamente a práxis do serviço vocacional é ainda muito tímida em âmbito geral e exige aprofundamentos com o objetivo de oferecer melhor fundamentação bíblica e teológica tão pertinente nestes novos tempos, *tempos líquidos*, diante das mudanças que ocorrem na vida humana, particularmente na Vida Religiosa Consagrada.

Sabemos que o trabalho vocacional é amplo e exigente, pois indica que se deve percorrer um longo itinerário vocacional que começa no batismo como *fonte de todas as vocações*, especialmente através do *processo de Iniciação à Vida Cristã* tão urgente, pois estamos admitindo em nossos





Institutos *peças sem fé*. Isto exige cultivo, terreno fértil, a oração pelas vocações para que todos encontrem seu lugar e missão no exercício dos vários serviços e ministérios, pois *a animação vocacional é um dever de toda a comunidade cristã* (cf. OT, 2). Dentro desta perspectiva, os Institutos religiosos de Vida Consagrada devem se comprometer com o serviço de animação vocacional articulado, em parcerias e não de modo isolado.

Para se criar uma consciência vocacional temos que desenvolver uma atividade vocacional permanente. Isto implica a redescoberta do valor de se despertar uma “cultura vocacional” – uma vocacionalização na VRC, o despertar e a *práxis* de uma “Cultura Vocacional”. Os grupos que estão investindo neste campo já estão colhendo seus frutos vocacionais e, “não estava o nosso coração *pegando fogo* quando ele nos falava pelo caminho.”? (Lc 24, 32).

### Questões a partir do texto de João 14, 1-11

1. *Não se perturbe o vosso coração*” - Olhando para a realidade vocacional, quais as perturbações e incertezas que ainda insistem permanecer e que o 4º Congresso Vocacional deverá indicar para a VRC?
2. “Se acreditais em Deus, acreditai também em mim” – A partir da dimensão da fé quais as Luzes que o 4º Congresso Vocacional deverá apontar para a VRC e para os vocacionados/as de hoje?
3. “Na casa de meu Pai há muitas moradas” – As nossas comunidades religiosas são casas acolhedoras, constituídas de consagrados e consagradas *ressuscitados/as*, transformados/as pela oração e pela eucaristia cotidiana?